

COMPARTILHANDO EXPERIÊNCIAS

ATIVIDADES ESSENCIAIS COM CRIANÇAS DE ATÉ QUATRO ANOS



COMPARTILHANDO EXPERIÊNCIAS

ATIVIDADES ESSENCIAIS COM CRIANÇAS DE ATÉ QUATRO ANOS

PROJETO DE MÃOS DADAS POR UMA CRECHE DE QUALIDADE

ORGANIZAÇÃO CECIP Centro de Criação de Imagem Popular

COORDENAÇÃO
PEDAGÓGICA Maria Lúcia Pinto Lara

PRODUÇÃO
EDITORIAL Rafaela Lopes Pacola

TEXTO ORIGINAL Anna Rosa Amâncio, Elisa Brazil, Gabriela Macena

EDIÇÃO FINAL
DE TEXTO Madza Ednir



Instituto **Dynamo**

Rio de Janeiro, 2018

“Se a criança vem ao mundo e se desenvolve em interação com a realidade social, cultural e natural, é possível pensar uma proposta educacional que lhe permita conhecer esse mundo, a partir do profundo respeito por ela. Ainda não é o momento de sistematizar o mundo para apresentá-lo à criança: trata-se de vivê-lo, de proporcionar-lhe experiências ricas e diversificadas.”

(Kuhlmann Jr., Moysés. Infância e educação infantil: Uma abordagem histórica. Porto Alegre: Mediação, 1998)

Índice

APRESENTAÇÃO: Oito creches e suas ações essenciais	3
1. Literatura.....	9
2. Corpo e movimento	31
3. Exercício da escuta.....	47
4. Elaboração de projetos pedagógicos.....	65
BAÚ DO TESOURO	92

APRESENTAÇÃO

Oito creches e suas ações essenciais

Querida educadora¹ – auxiliar de creche, gestora ou professora – é uma alegria apresentar a você este Caderno, que dá sequência à coleção Compartilhando Experiências.

Ele retrata mais um trecho de nossa caminhada com as educadoras das creches parceiras. Suas páginas mostram que o intenso diálogo profissional, iniciado em 2015, resultou em crescimento da autonomia e em intensificação do desejo de crescer profissionalmente, buscando um aperfeiçoamento contínuo.

Nesta publicação você encontrará atividades realizadas no contexto do projeto **De mãos dadas por uma creche de qualidade**. O objetivo das oficinas, implementadas junto às crianças e suas educadoras, durante os anos de 2015 a 2017, foi enriquecer o repertório pedagógico de oito creches que atendem às comunidades da Rocinha e do Cantagalo, no Rio de Janeiro.

Para tanto, pensamos em ações que pudessem contribuir para o desenvolvimento integral da criança pequena, por meio da literatura infantil, da psicomotricidade (corpo em movimento) e do exercício da escuta – e também incentivar as educadoras a elaborar e desenvolver, com suas turmas, projetos pedagógicos em sala de aula. Assim, denominamos este trabalho como Ações Complementares. No entanto, as Ações passaram a ser chamadas pelas educadoras de Ações Essenciais, pois elas queriam ressaltar a importância que davam aos novos conhecimentos e práticas que passaram a incorporar em suas rotinas a partir dessas vivências. Então, é com esse nome que as apresentamos aqui.



1. Mais de 90% das pessoas que trabalham em creches são do sexo feminino. O patriarcalismo e o machismo impregnados na língua portuguesa (e em muitas outras) determina que, se nos referimos a 99 educadoras de creche e um educador, é correto dizer “os educadores”, subentendendo que as educadoras aí se incluem. No CECIP temos a prática de fazer o inverso: escrevemos “as educadoras”, quando falamos com quem trabalha com as crianças de 0 a 4 anos, já que a esmagadora maioria é de mulheres. Poderíamos usar a fórmula “educadoras e educadores” (ou a alternativa educadores/as), porém, sua repetição constante aumentaria muito o número de páginas desta publicação. Assim, contamos com a compreensão e o bom humor dos poucos e excepcionais homens que educam / cuidam de crianças pequenas: encarem nossa decisão linguística como uma homenagem à sua porção mulher, que o poeta, filósofo e músico Gilberto Gil afirma ser sua melhor parte.

Creches parceiras do CECIP no projeto **De mãos dadas por uma creche de qualidade**

- ASPA (Ação Social Padre Anchieta)
- Casa Espírita Cristã Maria de Nazaré
- Centro Social E aí, como é que fica?
- Escola Comunitária do Cantagalo
- Grupo Comunitário Creche Berçário Nova Jerusalém
- Grupo Comunitário Maria Maria
- Grupo Comunitário Morro da Alegria
- União das Mulheres Pró Melhoramento da Roupas Sujas

O projeto **De mãos dadas por uma creche de qualidade**

O CECIP, em parceria com o Instituto Dynamo, ampliou por mais três anos, entre 2015 e 2017, a ação do projeto **De mãos dadas por uma creche de qualidade**, iniciado em 2012, para promover a formação de gestoras de uma nova turma composta por sete creches da Rocinha e uma do Cantagalo, favelas da Zona Sul do Rio de Janeiro. O objetivo foi melhorar o atendimento à primeira infância, investindo na qualificação das profissionais, na adequação dos espaços e na formação de uma rede de creches nas referidas comunidades.

O Instituto Dynamo, em parceria com o departamento de Educação da PUC, sob orientação da Prof. Sonia Kramer, contribuiu com a formação das equipes, oferecendo um curso de extensão - *A creche e o trabalho cotidiano com crianças de 0 a 3 anos* - onde educadoras e gestoras puderam conhecer melhor a teoria que embasa seus fazeres.

Em oficinas mensais, as gestoras das oito instituições envolvidas compartilharam experiências e reflexões estimuladas por leituras, dinâmicas de grupo e acesso a variados materiais educativos. Identificaram suas próprias demandas e criaram planos para aprimorar o atendimento em suas creches. Além desses encontros, a equipe do CECIP realizou um acompanhamento semanal em cada creche durante os dois primeiros anos, e os encontros se tornaram quinzenais no terceiro ano de projeto, para apoiar as gestoras no diagnóstico e priorização dos problemas que enfrentam no dia a dia e na incorporação dos aprendizados proporcionados pelas oficinas na rotina da creche.

O projeto também promoveu:

- Reuniões de formação em serviço, mensais, com todos os funcionários de cada creche (Centros de Estudo).
- Passeios culturais.
- Ações complementares de literatura, corpo em movimento, escuta de crianças e projetos de sala que foram apelidadas pelas educadoras de Ações Essenciais.

- Encontros com especialistas de acordo com a demanda.
- Eventos para fortalecer a rede comunitária de atendimento às crianças.
- Atividades para incrementar a participação e integração das famílias nas creches.

As quatro Ações Essenciais: objetivos e metodologia

Você encontrará aqui quatro Ações Essenciais desenvolvidas nas creches pela equipe do CECIP, junto a crianças de 1 a 4 anos e suas educadoras: **Cabe no carrinho; Fala, criança; Pula, dança e rebola; e Projeto de sala.** Confira seus objetivos:

Cabe no carrinho – Sensibilização dos profissionais e crianças das creches para as diferentes possibilidades do trabalho com a leitura literária, em especial com a literatura infantil.

Fala, criança – Sensibilização das educadoras para escutar o que as crianças dizem, não apenas com palavras, mas também por meio da expressão corporal. Apoio às educadoras no desenvolvimento da oralidade das crianças e ampliação da participação nas decisões que as afetam.

Pula, dança e rebola – Sensibilização para o fato de que o movimento é uma das formas de aprendizagem da criança e que restringir ou conter este movimento é prejudicar seu desenvolvimento integral. Amplia e complementa o repertório das educadoras em psicomotricidade.

Projeto de sala – Incentivo às educadoras para que desenvolvam projetos pedagógicos que podem surgir a partir da observação daquilo que as crianças fazem em seu cotidiano, de seus interesses e perguntas, ou também a partir da vontade das educadoras de ampliar o repertório de conhecimentos das crianças, com propostas nas quais conseguem envolvê-las e provocar seu interesse.





Como fizemos: oito encontros para degustar novas possibilidades

Cada uma das Ações Essenciais se desenvolveu por meio de oito encontros de aproximadamente três horas, realizados duas vezes por semana nas creches participantes, durante um mês. Cada Ação aconteceu com uma ou mais turmas da creche, escolhidas pela gestora, de forma que todas as turmas vivenciassem pelo menos uma das Ações. Foi feito um combinado para que as educadoras replicassem os aprendizados com as colegas. Isso garantiu que todas as turmas conhecessem todas as Ações.

No primeiro dia de atividade, em geral durante a reunião mensal (Centro de Estudos), a proposta era apresentada a toda a equipe. Os encontros seguintes eram divididos em dois momentos. No primeiro eram realizadas atividades com as crianças e as educadoras – a oficina. O segundo momento era de reflexão com as educadoras (incluindo-se aí as gestoras) sobre o que havia sido observado e vivenciado. As reuniões se encerravam com o planejamento das próximas oficinas. Em todas as ocasiões, as educadoras participavam das oficinas, observando, fazendo o registro fotográfico e atuando junto às crianças.

Faz parte da metodologia do CECIP a avaliação e sistematização de nossas práticas, possibilitando sua disseminação e recriação. Os registros realizados em vídeos e fotografias, bem como em publicações como esta, documentam as experiências vividas e se constituem tanto em memória como em instrumento de formação. Assim, amplia-se o acervo, o acesso e a troca de experiências entre equipes não apenas na Rocinha e no Cantagalo, mas em todos os lugares onde exista o mesmo propósito de oferecer às crianças de 0 a 4 anos a educação e o cuidado de qualidade a que têm direito.

Como organizamos esta publicação

Nas próximas páginas, você vai conhecer atividades que foram realizadas em creches da Rocinha e Cantagalo, para desenvolver a expressão livre das crianças e estimular pessoas adultas a escutar e considerar, de forma atenta, os interesses e curiosidades das pessoas de 0 a 4 anos. São ações que podem provocar novas experiências e aprendizados, descobertas e possibilidades, em um clima de alegria e cooperação, tornando o cotidiano da educação infantil mais inspirador, cheio de vida, numa intensa e produtiva relação com a cultura.

Os capítulos estão dedicados às quatro Ações Essenciais e cada um deles se divide em duas seções: “Visão Geral” e “Propostas de Trabalho”. Na “Visão Geral” são apresentados os propósitos e as intenções específicas da Ação enfocada – e alguns motivos que, ao nosso ver, justificam sua ampla disseminação. Em “Propostas de Trabalho” apresentamos algumas atividades, com explicação do seu Porquê, descrição do seu Desenvolvimento (sempre que possível, ilustrado com fotos das crianças – um passo a passo que não tem a intenção de ser uma receita, mas apenas um roteiro de como atuamos, provocando você a fazer do seu jeito) e Materiais Utilizados. Também são oferecidas, em cada atividade, Dicas para quando você quiser testar as ideias na prática e trechos do nosso Diário de Bordo, com reflexões sobre o processo.

Ao final dos capítulos, no Baú do Tesouro, você encontrará algumas preciosidades: as listas dos materiais educativos que apoiaram as ações e foram doados às creches parceiras, passando a fazer parte de seu acervo e também websites considerados interessantes para você.

Leia e encha seus olhos com as palavras e as imagens. Esperamos que as práticas e reflexões registradas, e aqui compartilhadas, levem a novas experimentações.







LITERATURA

Cabe no carrinho: lendo com crianças pequenas

"A criança manipula o livro de cabeça para baixo, do meio para o fim, de cabeça para cima. A liberdade lhe permite isso. Só em liberdade inventamos e reinventamos o mundo. A liberdade é que conduz o leitor, leitura afora. A criança é que elege a sua leitura e atribui ao objeto livro o que ele tem a lhe dizer. O livro é um objeto e a criança, o sujeito. Nesta relação, é o sujeito que fala."

BARTOLOMEU CAMPOS QUEIRÓS



Visão Geral

O objetivo principal da Ação **Cabe no carrinho** foi sensibilizar e motivar as profissionais das creches e as crianças para as diferentes possibilidades do trabalho com a leitura literária, em especial com a literatura infantil.

Especificamente, queríamos oferecer um acervo de qualidade e criar condições para que as crianças o utilizassem desde o berçário, manuseando os livros e estabelecendo uma relação afetiva com eles e com a literatura; apreciassem as ilustrações junto com as educadoras; brincassem com os personagens e elementos da história; estabelecessem, ao longo do processo, relações entre as histórias.

Ações como **Cabe no carrinho** contribuem para que a literatura infantil possa se tornar cada vez mais presente no cotidiano das instituições. E por quê? Porque, além de possibilitar a experiência com outra forma de linguagem – a escrita –, a prática da leitura de livros infantis proporciona aos adultos e às crianças a imersão nos sentimentos, na afetividade, por meio do texto e das ilustrações; e convoca e responsabiliza o adulto-leitor a conhecer títulos, autores, ilustrações, formatos, textos variados, e a escutar as crianças. A prática abre, também, um espaço em que as crianças podem estabelecer relações e produzir novos sentidos de ser e estar no mundo. Para elas, conhecer e ouvir as histórias dos livros infantis vai além de se favorecer e ampliar o acesso ao código da escrita e inaugura novas relações na creche: afinal, ler para as crianças pequenas é ler com elas.

Iniciativas como esta podem incrementar a formação das educadoras, promovendo práticas de leitura como meio de construir e fomentar novas formas de relação com a literatura infantil e o objeto livro.

Propostas de Trabalho: Abrindo tempo e espaço para as crianças estabelecerem novas relações e sentidos de ser e estar no mundo, por meio da escuta de histórias

Gostaríamos que os relatos a seguir pudessem ser uma fonte de inspiração. Neles registramos aspectos importantes da Ação **Cabe no carrinho**, por meio de textos e sequências fotográficas de atividades de leitura literária com crianças, desde o berçário. Talvez você possa captar, nestas propostas, aspectos fundamentais do processo de apropriação / aproximação da criança ao livro e à leitura: a mediação do adulto; o ambiente acolhedor; a importância de possibilitar que bebês e crianças manuseiem os livros diariamente; a observação das crianças – suas preferências, gostos de leitura; e o planejamento de ações a partir dessa apreciação.

O Lenço: quantas coisas uma mesma coisa pode ser?

Por que esta atividade?

O livro **O lenço**, de Patricia Auerbach (Editora Brinque Book), narra a história de uma menina que brinca com um lenço vermelho de bolinhas brancas, transformando-o em muitas coisas. A ilustração é em preto e branco, com destaque para o lenço, que é vermelho. Trata-se de um livro de imagens com grande qualidade estética, que traz uma narrativa muito próxima das crianças. Permite que elas contem e criem novas narrativas, brincando de faz de conta com tecidos – o que adoram.



No Maternal II, o lenço foi transformado em muitas coisas nomeadas pelas crianças.



Lenço pode ser bebê...



... ou cobra perigosa...



...ou um vestido ...

Desenvolvimento

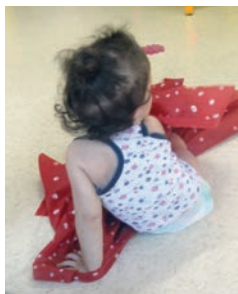
- Contamos a história, tendo como 'ator coadjuvante' um pano vermelho com bolinhas brancas. As crianças maiores participaram da narrativa, lendo as ilustrações e contando a história junto.
- Estimulamos as crianças a apreciar as ilustrações (elas são excelentes observadoras, chamando a atenção para detalhes nem sempre observados pelos adultos).
- Após a leitura do livro, fizemos como a protagonista e brincamos com o lenço, que foi transformado pelas crianças nos mais diferentes seres – de bebê a serpente e fantasma...



...ou um fantasma

Dicas para sua proposta

- Deixe que inventem. É bem interessante possibilitar que as crianças leiam os livros de imagem, criando narrativas. Muitas vezes elas inventam diferentes histórias para um mesmo livro.



No bercário, os bebês exploraram a história de várias maneiras.

Confira os materiais que usamos



- ✓ Lenço vermelho.
- ✓ O livro **O lenço**, de Patricia Auerbach (Editora Brinque Book)
- ✓ Outros livros da mesma autora e editora, como **O jornal**.



Trecho do nosso Diário de Bordo

Não há uma fórmula para se explorar uma história com a turma. É preciso conhecer bem o livro e as crianças, e descobrir junto com elas a melhor maneira de fazer isso.

Os procedimentos em relação a **O lenço** foram diferentes, dependendo da faixa etária, tamanho e perfil da turma. Em algumas, reunimos toda a turma e contamos a história; em outras, como no Berçário I, percebemos que seria melhor mostrar o livro em pequenos grupos ou individualmente. Nas turmas do Berçário, as crianças se divertiram muito com o pano e quiseram ver o livro diversas vezes.





João e o pé de feijão: quando o pequeno enfrenta o grande

Por que essa atividade?

O livro *João e o pé de feijão*, de Ruth Rocha (Editora Salamandra), traz um tradicional conto folclórico, recontado pela grande escritora, no qual um menino se defronta com um gigante e tem que lidar com a situação. A história provoca desdobramentos envolvendo dramatizações, atividades de artes plásticas e música (ritmo).

Desenvolvimento

- Antes de iniciar o trabalho, apresentamos às educadoras três livros com a mesma história, em versões variadas e com ilustrações bem diferentes. Escolhemos a versão recontada por Ruth Rocha.
- Copiamos, ampliamos, colamos em papel cartão e recortamos as personagens e outros elementos da história. Recobrimos com pano uma caixa de papelão, transformando-a em palco ou cenário para as personagens. Esse material nos auxiliou no momento de contar a história, além de servir como um brinquedo nas mãos das crianças.
- Na turma do Maternal II, optamos por ler o texto primeiro e, num segundo momento, recontar a história, usando a caixa e as personagens.
- No Maternal I, fizemos o inverso: contamos a história com a caixa e personagens, e depois lemos o texto.



Confira os materiais que usamos

- ✓ O livro citado e mais dois livros de autores diferentes, com a mesma história.
- ✓ Papel cartão, caixa de papelão, cola, tesoura.

- Após a leitura da história, brincamos de imitar os passos do gigante, seguidos pelo som de um tambor – passos fortes, rápidos, lentos, de acordo com o som.
- Na turma do Maternal II, confeccionamos um gigante que ficou pendurado na sala.





Dicas para sua proposta

- Falar do escritor e do ilustrador. Antes de iniciar a leitura de qualquer história, sempre mostramos a capa do livro, perguntando às crianças o que veem e o que imaginam que vai ser contado. Também informamos os nomes do autor e do ilustrador e dizemos algo sobre eles.
- Trabalhar com versões diferentes da mesma história. Um mesmo conto popular pode ser contado e ilustrado de diversas maneiras. Como fizemos com *João e o pé de feijão*, você pode apreciar várias versões da mesma história, primeiro com suas colegas e depois com as crianças. Conversar sobre as diferentes versões, ilustrações e projetos gráficos é um exercício bem interessante, pois ajuda a desenvolver o olhar crítico sobre uma obra.

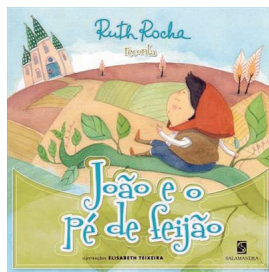
Trecho do nosso Diário de Bordo (1)

Brincar com enredos e personagens contribui para que as crianças possam mergulhar ainda mais no mundo ficcional. No caso de *João e o pé de feijão*, a história as ajudou a lidar com o medo do Gigante, quando elas próprias se tornaram gigantes ou o menino João que o enfrentava. Percebemos que, no momento das brincadeiras, as crianças recontam e elaboram melhor a história.

Enquanto confeccionávamos o Gigante, um menino fez várias perguntas sobre a personagem: “Ele não pegou o João, não, né?”. “Ele é gigante, mas não é fortão, né?”. Assim, tivemos a oportunidade de ouvir os sentimentos e as questões suscitados pela história.

Um menino, do Maternal I, um dia, resolveu brigar com o Gigante e acabou rasgando, enfurecidamente, uma das páginas do livro. A educadora, de forma bastante sensível, viu a cena de longe, percebeu o que acontecia e se aproximou do menino. Abraçou-o por trás, contendo o seu movimento furioso, e falou baixinho com ele sobre o que estava acontecendo.

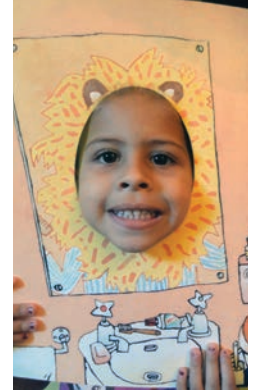
Todas as situações eram conversadas com as educadoras, com o intuito de demonstrar-lhes o que pode acontecer depois da contação da história e como esses desdobramentos são importantes para a formação das crianças como leitoras competentes e também como possibilidade de vivenciar e elaborar sentimentos e emoções.



Trecho do nosso Diário de Bordo

Quando mostramos as diferentes versões de *João e o pé de feijão* para as crianças, pedimos que observassem a forma com que cada ilustrador desenhou as personagens. Identificamos o Gigante mais assustador, e o João de que mais gostaram. Em duas versões, o Gigante tinha mãe. As crianças ficaram intrigadas com esse fato. Gostaram da brincadeira de comparar versões da mesma história. As educadoras também.

Num outro dia, observei duas meninas do Maternal II manuseando duas versões diferentes da história do *Chapeuzinho Vermelho*. Elas compararam e contrastaram as personagens ilustradas nos dois livros e estabeleceram relações entre elas.



O que é que tem o meu cabelo? Crianças se veem e veem o outro

Por que esta atividade?

Em *O que é que tem o meu cabelo?* (Companhia das Letrinhas), Satoshi Kitamura conta a história de um leão que vai ao cabeleireiro fazer um penteado para ir a uma festa. O cabeleireiro sugere vários penteados até chegar ao que satisfaz o leão.

O projeto gráfico do livro – com páginas vazadas onde é possível colocar o rosto e se imaginar com uma juba leonina – convida as crianças a interagirem com a história e experimentarem os diversos penteados apresentados, escolhendo um. A partir daí, é possível trazer a história para o real e narrá-la por meio de brincadeiras, gerando curiosidades e permitindo que as crianças expressem percepções e conceitos adquiridos em seu cotidiano.

Desenvolvimento

- Contamos a história com as crianças e cada uma foi escolhendo o penteado que mais gostava.
- As crianças foram fotografadas com o rosto emoldurado pela página, com os “penteados” escolhidos.
- As fotos foram expostas na parede, compondo um painel de retratos em que as crianças se reconheciam e aos colegas.
- Com as maiores, do Maternal II, foi montado um “salão de beleza” de faz de conta com materiais como espelinhos, escovas, pentes, embalagens usadas de esmalte.
- Depois disso, a história foi recontada algumas vezes, incorporando os elementos sugeridos pela imaginação das crianças. A brincadeira provocou novos olhares sobre o livro e este enriqueceu a brincadeira.

Dicas para sua proposta

- Crianças precisam se ver. As crianças não se cansavam de mostrar seu retrato. Quando recontávamos a história, elas se levantavam a todo momento, iam até o corredor e pegavam a foto para mostrar que estavam com o penteado que aparecia no livro. As educadoras diziam que não aguentavam mais colar as fotos na parede, mas, ao mesmo tempo, se entusiasmavam com a reação das crianças.
- Experimente levar um espelho para a classe, para que as crianças possam observar e apreciar a própria imagem.
- Valorize a diversidade. Vale a pena questionar, com leveza, preconceitos e discriminações, se por acaso eles surgirem na fala ou atitude das crianças. Por exemplo, depois de brincarem de “salão de cabelereiro”, um menino queria saber se o leão estava



As crianças ficaram encantadas ao se reconhecerem nos retratos.



Confira os materiais que usamos

- ✓ O livro *O que é que tem o meu cabelo?*, de Satoshi Kitamura (Companhia das Letrinhas)
- ✓ Máquina fotográfica, impressora.
- ✓ Materiais de sucata como cestinhas de plástico, pentes, escovas e espelhos, para montar o salão de beleza.

no salão de beleza ou no barbeiro. Outra criança falou que o cabelo do leão era feio, armado, todo solto. Estas observações mostram como começam a ser construídos os preconceitos de gênero e etnia. Se isso acontecer em sua turma, você poderá, sutilmente, começar a questioná-los, com observações leves, como “Só menina pode ser bonita?”, “Será que meninos podem querer ser bonitos?”, “O cabelo bem armado, todo solto é muito lindo também”. O diálogo com a família sobre o tema “diversidade” pode ajudar muito.

- É bom ter um ritual de abertura e contar a história com as crianças. O ritual de cantar uma música, antes da história, cria o clima de magia e de encantamento que as crianças (e adultos) tanto apreciam. É como se estivéssemos no palco de um teatro, abrindo as cortinas para a história aparecer.

Numa creche, por exemplo, cantávamos: “E agora minha gente / Uma história eu vou contar / Uma história bem bonita / todo mundo vai gostar”. Depois disso, mostrávamos a capa do livro, criávamos suspense... E íamos contando a história... Só que não contávamos a história sozinhas, para um grupo bem quietinho. A cada ilustração surgiam perguntas, as crianças interferiam... Contavam a história junto conosco. A falta de silêncio não pode ser interpretada como desinteresse: é sinal, isto sim, de que interesse não falta.

Trecho do nosso Diário de Bordo

“Cadê o ‘livo’, tia?”

Ao longo do caminho, várias pistas nos sugeriam que não apenas o interesse das crianças estava sendo conquistado, como também as professoras estavam motivadas e atuavam como parceiras. Numa das creches, no segundo dia de trabalho, assim que entramos na sala do Maternal I, uma criança começou a falar conosco sem que conseguíssemos entender o que dizia. Ela então desistiu de falar, saiu em disparada até o corredor e mostrou a cesta de livros que tínhamos levado no dia anterior. As professoras haviam colocado a cesta no corredor embaixo de um cartaz onde se lia “Cantinho do Livro”. Levamos a cesta para a sala e fomos recebidas com pulos e gritinhos de excitação. Uma de nós escreveu sobre isso:

“Todos os dias as crianças do Maternal I me acolhiam em clima de euforia. Um dia, cheguei à creche com muito calor e, antes de pegar a cesta dos livros, me sentei numa cadeira embaixo do ventilador. Quando entrei na sala, fui recepcionada com o coro “Tia Rosa, Tia Rosa”! Mas ao me sentar, as crianças pararam de gritar e ficaram paradas me olhando, até o momento em que uma delas se pronunciou: “A’toinha’, tia.” E outra, imediatamente, reforçou: “Cadê o ‘livo’, tia?”

Depois das brincadeiras inspiradas no livro *O que é que tem o meu cabelo?*, as professoras colocaram ao alcance das crianças a cestinha do salão de beleza ao lado do cantinho do livro e da música. Dava para perceber o cuidado em valorizar cada atividade que realizávamos junto às crianças.





As crianças se envolveram totalmente com as aventuras de Gildo.



Gildo totalmente inserido no grupo.

Gildo: conversando sobre o que nos assusta

Por que esta atividade?

A história do livro **Gildo**, de Silvana Rando (Editora Brinquê Book), fala de um elefante muito corajoso e que encara sem problemas montanha-russa, avião, filme de terror e até cantar em público... mas como acontece com quase todo mundo, tem uma coisa que o apavora. Trata-se de um relato que dá oportunidade de as crianças entrarem em contato os seus medos, talvez expressá-los e, assim, se fortalecerem.

Desenvolvimento

- Contamos a história, estimulando as crianças a interagirem com o livro, mergulhando nas ilustrações.
- Apresentamos a elas um elefante de pano e dissemos que o Gildo havia saído do livro para brincar com a turma.
- Foi uma oportunidade para que pudessem conversar entre si e com os bichinhos, falando – os mais velhos – de seus medos e de sua coragem.
- Algumas turmas fizeram uma festa de aniversário para o Gildo, convidando, inclusive, personagens de outras histórias: Tico (**Tico e os lobos**), Grúfalo (**Grúfalo**) e Chapeuzinho Amarelo (**Chapeuzinho Amarelo**).

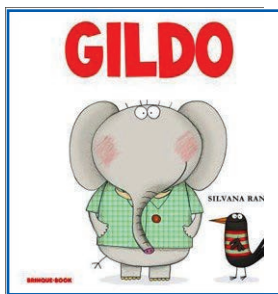


Dicas para sua proposta

- Coloque para fora seu lado artístico. Trabalhar com crianças pequenas é uma grande oportunidade de exercitar seu lado criativo, imaginando situações de aprendizagem e construindo os mais diferentes artefatos: brinquedos, jogos e muito mais. O elefante Gildo feito de pano que mostramos nas fotos foi confeccionado por uma professora da creche.
- Aceite que uma roda de crianças, mais que um círculo perfeito, é um estado de espírito. Sim, algumas vezes as crianças até ficam em roda, perninhas cruzadas, para ouvir a história – e apreciam isso. Mas nem sempre. Quanto menor a criança, mais ela resistirá às tentativas dos adultos de mantê-las artificialmente em “posição de sentido”, seguindo um mesmo padrão.

Quanto mais flexível e perspicaz for a educadora ou educador, mais fácil será escutar e deixar fluir as necessidades das crianças. Estar em roda com as crianças é, também, estar em sintonia com elas, independente de como estão fisicamente dispostas na sala.

Confira os materiais que usamos



- ✓ O livro *Gildo*, de Silvana Rando (Editora Brinquê Book).
- ✓ Um elefante de pano.



Na turma do Maternal I, nunca foi possível fazer uma roda, pois assim que colocávamos o tapete no chão, as crianças sentavam em cima dele, ficavam apertadinhas, mas não abriam mão de se aconchegar sobre ele.



No Maternal II, em função do número maior de crianças na turma, a roda era feita em torno do tapete.



Antes de ler os livros, as crianças quiseram ler o tapete.

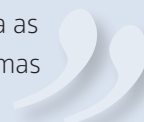
Por exemplo, quando mostramos pela primeira vez às crianças o tapete que havíamos trazido de casa para colocar os livros sobre ele, houve uma comoção que não esperávamos. Elas ficaram fascinadas com os retalhos de tecidos com diferentes estampas – havia listras, bolinhas, aviões e bicicletas. Como ignorar esse interesse e tentar forçá-las a interagir com os livros, se, no momento, o tapete era o livro? Deixamos que elas o explorassem à vontade. E todos os dias, quando colocávamos o tapete no chão, era preciso esperar um tempo antes de iniciar a leitura da história para que elas pudessem apreciá-lo.



Trecho do nosso Diário de Bordo

O trabalho de uma educadora começa bem antes de ela entrar na creche. Para as atividades de leitura é indispensável ler e selecionar os livros que serão utilizados, de acordo com alguns critérios – interesse do tema para a faixa etária, qualidade do texto e das ilustrações, possibilidade maior ou menor de se ampliar a história. Além disso, é preciso providenciar ou confeccionar, com antecedência, recursos auxiliares que podem dar cor, som e atrativo à história e que, depois, vão ampliá-la por meio de atividades como dramatizações, pinturas e outras.

Durante as reuniões semanais com as educadoras de cada creche, conversávamos sobre as reações das crianças por elas observadas durante as atividades, sobre os livros utilizados e sobre até que ponto os resultados previstos em nosso planejamento estavam sendo atingidos. Era nesse momento que podíamos refletir sobre as concepções de infância implícitas na prática. Surgiam também ideias para as próximas oficinas e para atividades que elas mesmas poderiam desenvolver em sala.



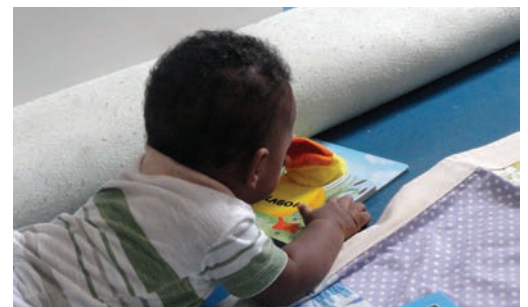
Encantar bebês com livros

Por que esta atividade?

Os bebês fazem suas primeiras explorações com os livros brincando com eles, ou seja, tratando-os como um objeto a mais dentre os muitos que os rodeiam, de chocalhos a bichinhos de borracha. As educadoras podem possibilitar e incentivar estas experimentações, durante as quais a criança manipula os livros e interage com eles de diversas maneiras: mordendo, sacudindo, amassando, jogando, passando por cima. Aos poucos, o livro vai ganhando um sentido próprio e, estimuladas pelas educadoras, as crianças querem olhar as ilustrações, imitar os sons dos personagens, folheá-lo. Contudo, para que isso aconteça é fundamental a mediação do adulto.

Desenvolvimento

- Separamos, no Acervo oferecido às creches, vários livros apropriados para a faixa etária de 0 a 2 anos. São livros em geral pequenos (para que os bebês possam segurá-los com facilidade), cujo formato estimula a visão, audição e tato, com belas imagens, incluindo livros de pano e livros-brinquedo, com fantoches e texturas.
- Preparamos o ambiente colocando um tapete no chão, e espalhamos sobre eles vários livros.
- Retirando os bebês dos berços, nós os colocamos no chão, próximos ao tapete e deixamos que as crianças explorassem os livros como quisessem.



Livro é para bebê colocar na boca; sentir com os pés; sentar em cima.



A relação das crianças com os livros se dá com o corpo inteiro.

Confira os materiais que usamos

- ✓ Livros para bebês.
- ✓ Tapete.

- Ficávamos atentas para desempenhar o papel de mediadoras entre as crianças e o “objeto livro”, chamando a atenção para seu formato, texturas, imagens ou incentivando-as a produzir sons.
- Deixamos as crianças livres para se relacionar com os livros, que acabaram se tornando mediadores das mais diferentes interações entre as crianças, em duplas ou pequenos grupos.

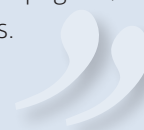


A mediação da pessoa adulta é fundamental.



Trecho do nosso Diário de Bordo

Um dos livros da ação **A Patinha**, traz o fantoche representando o bichinho. No início, o menino demonstrou medo do fantoche. Todas as vezes em que pegávamos o livro e movimentávamos a boca da patinha, ele se afastava, com medo. Passamos a não contar mais essa história, mas o livro estava disponível no chão ou na cesta junto com os outros. O menino ficava sempre de olho no livro, até pegá-lo, um dia, e não largá-lo mais.



O menino e o livro da pata: medo, desconfiança, aproximação.



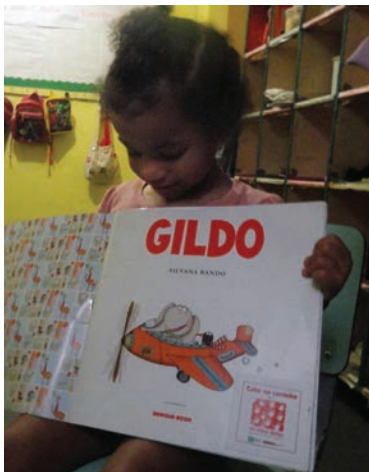
O menino folheia o livro para sua amiga contar a história.



Alguns gostavam de ficar mais sossegados.

Outras dicas importantes

- Dê liberdade para que escolham os livros. É fundamental organizar e planejar tempo e espaço para que as crianças tenham oportunidade e liberdade de escolher o livro que querem apreciar. Durante os encontros, sempre reservávamos um tempo para que as crianças pudessem se deliciar com os livros com liberdade: escolhendo, folheando, narrando, apreciando. Assim, podemos observar como cada criança se apropria do livro, quais são suas preferências e como imita e recria os gestos de leitura que aprende, além de como interage, tendo o livro como elo.
- Organize o espaço e o material e incentive que as crianças decidam o que fazer. Para quem aprendeu a associar movimento e diversidade a desorganização e perda de controle, ver as crianças exercitando sua autonomia pode ser um pouco ameaçador. Ouse! Seu trabalho pedagógico pode ser enriquecido se organizar situações em que as crianças, cada uma a sua maneira, ficam livres para interagir com os livros e com o grupo. Em nossas oficinas, a partir do universo de livros que apresentávamos, e do espaço preparado, eram as crianças que decidiam o que e como queriam ler: sentadas, deitadas, sozinhas, em grupos ou com a educadora.
- Observe com atenção como a criança se relaciona espontaneamente com o livro. Quem “escuta” o que a criança “diz” com seu comportamento, é capaz de ouvir o que ela está contando sobre suas preferências e seu estilo próprio de se relacionar com o livro. São informações importantes, que vão ajudar a educadora a responder a perguntas como: o que as crianças gostam de ler? O que elas gostariam de descobrir? Com isso, ela poderá adaptar seu planejamento e propostas às características e necessidades de cada menina ou menino da turma.



Os três amiguinhos gostavam de "ler" juntos. Já o menor, queria ler com a professora.



As interações entre as crianças, tendo o livro como elo, eram constantes.



A menina repetia o ritual realizado pelas professoras antes destas contarem histórias: cantava "e agora minha gente, uma história eu vou contar, uma história bem bonita, toda gente vai gostar"; e depois pedia silêncio, com o dedinho na boca, mesmo estando sozinha com seu livro.



Algumas crianças procuravam a professora, para mostrar um livro, outras se juntavam com os colegas. Elas se organizavam espontaneamente de diversas formas para ver os livros. Clima gostoso é fundamental.





CORPO E MOVIMENTO

**No princípio era a ação:
Pula, dança e rebola**

“Ser criança é pular, dançar e rebolar. Espontaneamente. Parece que nascemos sabendo fazer isso – e felizes dos que não desaprendem com a idade. Afinal, seres humanos, não têm um corpo – são um corpo. Um corpo no qual as dimensões do sentir, imaginar, pensar, ampliar a percepção relacionam-se intimamente ao seu movimento.”

MADZA EDNIR

2



Visão Geral

Planejamos a Ação **Pula, dança e rebola** para complementar e enriquecer o repertório das equipes das creches em psicomotricidade – a ciência e a prática de promover o desenvolvimento cognitivo, emocional, social e físico da criança por meio do movimento, da motricidade.

A ideia era, partindo das práticas do cotidiano, apresentar novas possibilidades de ação, quando as crianças poderiam expressar-se com seu corpo todo, usando materiais simples, como elásticos, cordas, bambolês e fitas de cetim. Com estes objetos, que sugerem uma livre e espontânea movimentação pelo espaço, organizamos vivências em consciência corporal autônoma e coletiva, atendendo aos interesses das crianças e incorporando suas descobertas. Nosso propósito era, ao estimular a linguagem do corpo, que vem antes da linguagem verbal, promover o autoconhecimento, o pertencimento ao território de convivência social e a potência de agir e criar.

Acreditamos que seria enriquecedor se Ações como **Pula, dança e rebola** pudessem estar presentes em todas as creches. Isso porque nestes espaços, como nas instituições educacionais de modo geral, o tema do movimento costuma ser uma questão controversa. Nos territórios em que a ação se desenvolvia, limitações objetivas e subjetivas restringiam o movimento. No imaginário da maioria da população, os conceitos de “aprendizagem” e “movimento / alegria” estão dissociados. Acredita-se que as crianças – mesmo as menores – aprendem quando estão “quietas, paradas, prestando atenção”. Esta crença se adiciona à real possibilidade que as crianças que se movimentam têm de cair e, quem sabe?, se machucar – risco inerente ao viver.

Foi bom perceber que a Ação **Pula, dança e rebola** possibilitou às educadoras desafiar crenças e preconceitos a respeito da livre

movimentação dos pequenos. Eram contagiantes a alegria e entusiasmo deles durante as atividades.

Nas próximas páginas, você vai conhecer algumas dessas práticas. Um convite a desafiar o medo que paralisa e se juntar às crianças para pular, dançar e rebolar livremente, com muita alegria.

Propostas de Trabalho: Abrindo tempo e espaço para as crianças estabelecerem novas relações e sentidos de ser e estar no mundo, por meio da arte do movimento

As propostas que desenvolvemos com as crianças basearam-se em movimentos lúdicos, para que reconhecessem o próprio corpo, além de reconhecer-se no grupo e no espaço. Queríamos realizar atividades que permitissem a elas revelar seus movimentos mais autênticos, orientados não para a obediência, mas para o campo da expressão criadora.

Com este objetivo, utilizamos, como mediadores, objetos cujas características e propriedades solicitam, mais do que qualquer palavra, determinado tipo de ação. A progressão didática das ações, sempre acompanhadas de músicas adequadas, foi pensada de forma a iniciar com um objeto que provocasse a movimentação coletiva – um único e grande elástico; depois, passar por aqueles que incitassem a movimentação em pequenos grupos-cordas; e por fim terminar com os que despertassem o movimento individual – fitas de cetim e bambolês. Ao realizarem as atividades, crianças e educadoras iam percebendo melhor seus próprios corpos, nos espaços demarcados pela diversidade de objetos do cotidiano. Estes, enriquecidos de encantamento, ganhavam novos significados. Aquecer, alongar, dançar e relaxar faziam parte da rotina.





As crianças utilizam o elástico de diferentes formas, explorando com seus corpos as possibilidades de retração e extensão.

Confira os materiais que usamos

- ✓ Um elástico de 10 m.
- ✓ Som: Ciranda de Paraty, RJ, ou outras, como Cirandas de Tarituba, RJ / Cirandas da Lia de Itamaracá, PE.

O elástico, afeto que nos une

Por que esta atividade?

Quando estamos nos conhecendo e começando a construir laços, um grande elástico pode integrar todas as crianças e adultos. Os participantes ficam, ao mesmo tempo, a uma distância segura uns dos outros e conectados. Ao possibilitar uma movimentação espontânea, o elástico ajuda a tecer afetos e, por meio do toque, vencer o estranhamento.

Desenvolvimento

Ao som de uma ciranda de Paraty, apresentamos às crianças um elástico único de 10 metros, com as duas pontas amarradas em circunferência. Uma educadora segurava uma ponta e a outra segurava a outra ponta.

- As crianças experimentavam, tocando o elástico com a barriga e o sentindo voltar, no coletivo e também individualmente, sem risco de se machucar.
- Passavam por cima ou por baixo do elástico, sempre sugerindo ações, como abaixá-lo ou suspê-lo.
- Logo já improvisavam movimentos e a fluidez era tamanha que mal precisavam de intervenção dos adultos, salvo algumas orientações para garantir a segurança.
- Acompanhando a música, as crianças se movimentavam pelo espaço com o elástico, de forma livre e independente, mas relacionando-se com os limites propostos por espaço, elástico e grande grupo. Tanto os maiores quanto os menores em idade nos surpreenderam com sua capacidade de explorar, na medida justa, os mais diversos movimentos, acompanhando a música.



Dicas para sua proposta

- Organizar espaços, materiais e situações que estimulem a expressão autônoma e criativa da criança, por meio do movimento. Em algumas creches, a única movimentação permitida às crianças é a determinada pelas educadoras – em geral, atividades corporais totalmente estruturadas, como competições, ou a repetição de gestos e posturas. No entanto, criar exige equilibrar caos e ordem. Educadoras que, no início, ficavam aflitas com a liberdade das crianças se movendo sem obedecer a um padrão uniforme, depois perceberam que, por trás daquele caos criativo, daquele fluir de gestos e emoções, existia uma ordem e uma estrutura que facilitavam seu trabalho e as continham.

A atividade com elástico, e todas as outras que vamos apresentar aqui, são exemplos disso. Nelas, equilibramos estrutura e liberdade. O tipo de material e de música que escolhemos tem propósitos definidos – representam a estrutura. Com base nesta estrutura, a criança, por sua vez, irá livremente criar seus movimentos.

Trecho do nosso Diário de Bordo

Ao começar a interagir com as crianças, notamos que, em um espaço tolhido, elas demonstravam certa dificuldade em assimilar nossa movimentação enquanto corpos espontâneos, livres de regras. Ao lhes propor novos movimentos, ficavam olhando como se não entendessem o que estava acontecendo. Nós falávamos e fazíamos os movimentos e elas não seguiam, apenas assistiam, quase não acreditando que estavam autorizadas a fazer o mesmo também. Deixamos de falar e só nos movemos. Depois de algum tempo, ganharam confiança e começaram a propor novos movimentos.

A movimentação livre da criança é essencial ao seu desenvolvimento físico, emocional e cognitivo. O movimento permite que ela interaja com o ambiente e vá construindo conhecimentos sobre objetos, pessoas e seres vivos; aos poucos, passa a compreender propriedades e características e como se relacionar com eles, reconhecendo limites e possibilidades. E, assim, começa a descobrir quem é (autoconhecimento) e o que pode fazer (autonomia).

Inibir a espontaneidade é limitar a criação, a expressividade da criança. E, então, qual o desafio para a educadora? Antes de mais nada, entrar em contato com a própria subjetividade, história e emoção para conseguir tocar a emoção das crianças e aprender na troca. Sem lidar com as emoções, o trabalho não flui.



Corda, acorda o nosso grupo

Por que esta atividade?

Quando colocamos algumas cordas no chão, as crianças tendem a se juntar em pequenos grupos em torno delas – e as características desses objetos sugerem a disponibilidade para manipulá-los de forma colaborativa.

Desenvolvimento

- Ao som da música *Arca de Noé*, deixamos as crianças livres para explorar as cordas.
- Logo, em pequenos grupos, elas estavam propondo ações colaborativas – ou aderindo a propostas das educadoras – que variavam de acordo com a idade das crianças, como formar figuras (rodas, quadrados), passar por baixo e por cima, mexer a corda provocando ondulações e criando cobrinhas, equilibrar-se andando pé ante pé sobre ela, puxá-la por suas pontas fazendo um “cabo de guerra”, ou pular corda individualmente, em duplas ou em trios.



Dicas para sua proposta

Planejar atividades para mobilizar a energia e a potência das crianças. Imagine uma turma de Pré, outra de Maternal e outra de Berçário, que, depois da rotina do “Dormir”, acordam esfuziantes, ávidas por atividades. Diante da intensa agitação das crianças, muito provavelmente as pessoas adultas reagirão com orientações guiadas pelo controle e pouco desafiadoras, solicitando à turma movimentos mais ligados a obedecer ordens, do que a se expressar, liberando a energia.

Você pode evitar situações assim: basta se dispor a planejar atividades de acordo com as demandas que identifica em sua turma. Procure definir os objetivos de cada atividade de cuidado e educação e as estratégias para atingi-los. Com apoio de seu grupo de colegas, das gestoras, ou de especialistas convidados, você poderá criar sequências metodológicas que contemplem as necessidades da criança alternar momentos de movimento e repouso. Não é fácil reconhecer quando intervir e quando recuar, para permitir que as crianças manifestem seus desejos e sensações. Nem é simples mobilizar, com arte, de forma consciente, as mais diferentes linguagens. Mas trabalhar com crianças pequenas exige unir emoção e sensibilidade ao mesmo rigor e racionalidade que se espera de quem educa com qualidade crianças maiores, jovens ou adultos.



Trecho do nosso Diário de Bordo

A função dos adultos é apoiar a criança para que ela transite de um estado de total dependência para a autonomia. Essa caminhada, que começa desde que a criança nasce, torna-se difícil ou impossível se os educadores ou familiares, por excesso de zelo, em vez de incentivá-las a tomar decisões, apoiando-as no processo, a impedem de se autorregular.

Crianças que se habituem a obedecer a ordens rígidas, cuja movimentação espontânea é domada pelos adultos, têm pouca chance de desenvolver o autoconhecimento indispensável a uma vida feliz e saudável. Nos encontros com os pequenos, oferecíamos a eles oportunidades de sentir os objetos que propúnhamos para estimular a livre movimentação; permitíamos a experimentação, o manuseio, criando vínculos com o material e responsabilidades partilhadas entre a criança e a turma. As educadoras que observavam puderam presenciar crianças de 2 anos esperando com entusiasmo a vez de usar determinado material.

Confira os materiais que usamos

- ✓ Cordas de sisal individuais para pular.
- ✓ Som: **Arca de Noé**, do grupo Palavra Cantada.



Confira os materiais que usamos

- ✓ Dobradura de barco com papel pardo, tamanho 66cm x 96cm
- ✓ 4m de tecido azul.
- ✓ Peixinhos, que podem ser os da festa junina ou confeccionados pelas crianças.
- ✓ Som: ***Suíte do pescador***, de Dorival Caymmi (Letra e música para ouvir). Disponível em: <https://www.letras.mus.br> > Samba > Dorival Caymmi

2. Em todas as creches, no último encontro, as educadoras sugeriam as atividades do dia. A que descrevemos aqui foi criada por uma delas.

Dançar e cantar com o pescador, o mar e os peixes ²

Por que esta atividade?

Uma música tranquila, falando de pescador e de peixes, estimula movimentos coletivos suaves, evocando o mar. Por ter sido realizada na época das festas juninas, possibilitou contextualizar uma brincadeira típica que as crianças tanto apreciam: a pescaria.

Desenvolvimento

- Produzimos uma grande dobradura, em formato de barco. Dentro do barco, colocamos peixinhos (destes usados para a brincadeira da pescaria, mas também podem ser confeccionados pelas crianças, como dobraduras).
- Acomodamos o barco-dobradura sobre um pano azul estendido no chão.
- Deixamos que as crianças se movimentassem em torno do barco, explorando a surpresa.
- Fizemos uma Roda de Conversa, estimulando a turma a falar sobre o barco: seu tamanho, a cor, de onde teria vindo, por que estava cheio de peixes.
- Contamos uma história em que um pescador pega seu barco e vai ao mar fazer seu trabalho, que é pescar, e na volta traz muitos peixes.
- Ensinaamos a canção ***Suíte do pescador*** às crianças (poderia ser qualquer outra que envolvesse o tema).
- Colocou-se a música para tocar. Convidamos as crianças a segurar o tecido azul, enquanto cantavam e dançavam ao som da canção.

Dicas para sua proposta

- Preparar surpresas inesquecíveis, usando materiais simples. A maioria de nós possui pelo menos uma memória preciosa da infância, ligada a um cheiro, uma textura, um som, à qual podemos voltar quando estamos tristes, sem ânimo... Na atividade **Dançar, cantar, rebolar**, juntando-se papel pardo, um pano azul, peixinhos de metal, uma canção agradável e muita emoção, foram produzidas sensações que as crianças vão guardar consigo por muito tempo. Elas adoram novidades! Dançaram, ouviram história, aprenderam uma música, brincaram e se relacionaram durante todo o tempo de forma harmônica. Você também pode, com muito pouco, preparar grandes surpresas que levam a fortes aprendizagens e criam memórias que podem iluminar a vida das crianças.
- Descobrir novas formas de fazer o que você já faz. Conversar com as colegas ou observar suas aulas é uma forma potente de aprender e não ficar repetindo sempre as mesmas ações. Ler, também, ajuda muito. Por exemplo, usamos o livro ***As artes no universo infantil***, de Susana Rangel (Editora Mediação), para nos ajudar a criar atividades simples, mas muito potentes para a formação das crianças.





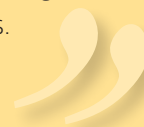
Trecho do nosso Diário de Bordo

Aprendemos muito ao ouvir o que as crianças dizem através do movimento.

Aquele menino calado, que se escondia no primeiro encontro, no decorrer das atividades mostrou grande apreço pelo que era proposto, além de grande expressividade enquanto dançava. Destacava-se da turma por demonstrar forte consciência de seus movimentos, lentos e muito intensos, desenhando no ar formas bem definidas. Como apoiar e responder ao que seu corpo comunicava?

Ao observar um amigo fazendo rolamentos no chão de forma espontânea, outra criança, pouco ouvida por solicitar atenção de maneira insistente, pediu para que fizéssemos cambalhotas. Imediatamente providenciamos colchonetes. A criança explicou para os outros, passo a passo, como fazer uma cambalhota e todos a seguiram. Em vez de sermos as únicas a propor, nós íamos incorporando as ideias da turma, o que favorecia a aprendizagem coletiva.

Dar segurança para que as crianças exponham o que sentem e pensam, por meio da linguagem corporal e verbal – e respeitar suas sínteses – é de suma importância no trabalho a elas dedicado. Assim, a criança deixa de ser mera cumpridora de ordens estabelecidas para se tornar parceira no diálogo com a educadora, em uma troca diária de aprendizagens.



Bambolear: alegria está na roda

Por que esta atividade?

O bambolê é um objeto presente na maioria das creches. Bambolear é sucesso garantido em toda a educação infantil. Os movimentos com os quadris que o bambolê sugere são divertidos e diferentes dos costumeiros no dia a dia, aumentando o conhecimento que a criança tem sobre as possibilidades do próprio corpo.

Desenvolvimento

- Ao som da música *Carroça de mamulengos* e de cantigas de roda, disponibilizamos os bambolês e deixamos que as crianças descobrissem o que fazer com eles.
- Observamos a relação diferente que cada criança estabelecia com o mesmo objeto, a dificuldade ou facilidade de cada uma ao manuseá-lo e brincar com ele:
 - As menores brincavam sozinhas, encantadas com os movimentos / giros do próprio objeto.
 - Os bebês, de modo especial, adoraram os bambolês. Ficaram muito ativos e a brincadeira rendeu bastante tempo. Quando finalizamos e guardamos os materiais, ainda queriam mais.
 - As maiorzinhas logo colocavam o bambolê e começavam a rebolar e a ir ao encontro do amigo.
 - Muitas gostavam de passar o bambolê de uma para a outra.
 - Em uma turma, criaram a regra segundo a qual cada criança experimentava todos os bambolês e depois devolvia todos os bambolês às demais.
 - Uma das crianças, autista, ficou fascinada com a possibilidade de repetir o movimento do bambolê. Observar a relação dela com o próprio corpo, na construção da relação com o objeto no espaço, ajudou as educadoras a desfazer preconceitos sobre o autismo.



Confira os materiais que usamos

- ✓ Bamboles.
- ✓ Som: *Carroça de mamulengos*, do grupo Palavra Cantada (CD Anunciação) e cantigas de roda.



Dicas para sua proposta

- Transformar as rotinas em oportunidades para as crianças se expressarem de corpo e alma. Grande parte do tempo que as crianças passam na creche é dedicada a cuidados de rotina, como “Troca de fralda”, “Alimentação”, “Hora do banho”, “Hora de dormir”, em geral, sob a responsabilidade de monitoras ou auxiliares. O tempo dedicado a atividades de contação de histórias, dramatização, brincadeiras e movimento, orientadas por professoras, é bem menor. Então, que tal adicionar emoção e criatividade às rotinas? Que tal, também nestes momentos, oferecer às crianças novos desafios a serem ultrapassados, fortalecendo vínculos de afeto entre crianças e adultos, por meio de brincadeiras que desenvolvam a coordenação motora, a imaginação, as linguagens?

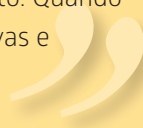
- Você pode apoiar suas colegas monitoras ou auxiliares mostrando que as rotinas não precisam ser realizadas de forma mecânica, nem tolher o movimento e a criatividade. Para promover o desenvolvimento integral das crianças é preciso reforçar a dimensão educativa das rotinas do cuidar, ao mesmo tempo em que se enfatiza a dimensão de cuidado que existe nas atividades educativas.³



Trecho do nosso Diário de Bordo

Ao realizar a atividade com bambolês com uma turma de crianças de 2 anos, um deles pegou todos os bambolês, deixando os demais sem ter com que brincar. Confiei na capacidade das crianças para resolver sozinhas a questão – e resolveram, sem necessidade de minha intervenção. “Negociaram um acordo”, criando uma regra em que cada um ficava com todos os bambolês e depois os repassava para o próximo... Se a criança for retirada de cena e colocada em um lugar separado cada vez que se deparar com o conflito, como poderá aprender a entrar em contato com as dificuldades de se relacionar e dissolvê-las no afeto?

A palavra “conflito” costuma ser utilizada como sinônimo de guerra e violência. No entanto, se todo conflito gera desconforto, desconforto, nem sempre ele é ruim. Na verdade o conflito entre ideias diferentes, entre diferentes interesses e perspectivas é parte integrante da vida e essencial ao se trabalhar com a arte, inclusive a arte do movimento. Quando se aprende, desde cedo, a lidar com ele, coisas novas e belas podem surgir.



3. Para saber mais: *Todos juntos, cuidando e educando com alegria*: Encontros para alimentar o coração e a cabeça de quem lida com crianças pequenas (CECIP, p. 21 e 40. Rio de Janeiro, 2017).



4. A mesma atividade pode ser feita usando músicas diferentes para "chamar" a água (fitas azuis), ou o fogo (fitas vermelhas).

Fitas de cetim para chamar o vento

Por que esta atividade?

As fitas de cetim, distribuídas entre as crianças, provocam movimentos individuais leves e flutuantes.

Desenvolvimento

- Ao som da música ***Vamos chamar o vento***, começamos a nos movimentar, convidando as crianças a brincarem de "ser o vento".⁴
- Nossa dança provocava a movimentação delas. Sugerimos que relaxassem e se deixassem levar pelo som.
- Depois, pedimos a cada criança que retirasse, de dentro de um saco de juta, uma fita colorida de cetim. As fitas representavam / concretizavam algo abstrato, o vento.
- As fitas coloridas, movimentando-se, estendiam a ação das crianças para o espaço e elas se relacionavam com a música e com o próprio corpo. As fitas orientavam os movimentos. Apenas algumas sugestões eram feitas. De forma lúdica e autêntica, por meio da experimentação, as crianças se divertiam ao relacionar-se com elas mesmas e umas com as outras, trocando propostas de movimento.

Dicas para sua proposta

- Utilizar o potencial da música como dinamizador das atividades. As músicas mexem com nossas emoções: podem nos deixar melancólicos, nos acalmar ou nos alegrar. O ritmo da música que acompanha uma atividade determina se a movimentação das crianças vai ser mais lenta ou mais acelerada.
- É importante que a música não seja considerada como pano de fundo ou apenas estratégia para orientação da rotina, marcando a hora da chegada, do lanche, da saída... Desafie-se a ir além e a possibilitar o acesso das crianças a músicas que ampliem seu acervo. Elas adoram ***Galinha Pintadinha ou Xuxa***, mas... que tal conhecer coisas novas?
- Da mesma forma, nem toda música instrumental serve apenas para acompanhar a hora da soneca. Quanto mais você enriquecer, diversificar seu repertório musical, mais se tornará capaz de escolher músicas adequadas ao ambiente que deseja criar e aos movimentos que tem a intenção de provocar. Para isso é preciso algum tipo de apoio, pois não é fácil se libertar do apego a um único estilo musical e dos estereótipos ligados aos demais. Na ***Baú do Tesouro***, você encontra alguns websites que podem lhe proporcionar momentos de descoberta e abrir um portal para novos interesses.

Confira os materiais que usamos

- ✓ Um saco de juta com fitas coloridas de cetim, de cerca de 40 cm, amarradas à ponta de palitos de sorvete.
- ✓ Som: ***Vamos chamar o vento*** (CD Rua dos cataventos, produção do Instituto Tear), ou outras que sugiram o vento.

Trecho do nosso Diário de Bordo

É nítido o desejo por fazer diferente e pensar novas possibilidades, superando limitações de tempo e espaço. Em uma das creches, as professoras escolheram, para conduzir no último encontro, uma atividade que consistia em apresentar às crianças um balde cheio de tecidos para serem sorteados entre elas e depois transformados nos mais diferentes adereços, inspirando diferentes movimentos. Um dos tecidos tinha o desenho de dois pares de mãos e pés, simulando um salto de sapo... as crianças amaram.

Tudo isso nos faz pensar o quanto é fundamental a ação nas escolas: a formação das educadoras, no contato com as crianças, precisa ser garantida. O crescimento das creches, com o trabalho realizado em apenas oito encontros, aponta para a qualidade dos resultados que poderiam ser obtidos no longo prazo.





EXERCÍCIO DA ESCUTA

**Fala, criança! Ouvindo saberes,
necessidades, desejos**

“No encontro entre criança e adulto, ambos aprendem a vida relacional, a reciprocidade e a presença. Nossos alunos nos formam; aprendemos com as crianças a compreender o sentido de suas expressões comunicativas. Cabe à educação infantil exercer seu papel de diálogo, o respeito e o desenvolvimento humano. Ouvir o outro, a criança ou adulto, identificar o que diz e responder de forma adequada são, nesta perspectiva, fatores básicos para a educação de qualidade e um desafio a ser assumido.”

SÔNIA KRAMER



Visão Geral

O propósito da Ação **Fala, criança** foi complementar o trabalho desenvolvido nas creches, contribuindo para a formação das educadoras, por meio de oficinas nas quais pudessem aprimorar o processo de escuta do que dizem e expressam as crianças. Assim, buscamos estimular formas diversificadas de diálogo entre as crianças e entre elas e as educadoras, de modo que as opiniões, desejos e necessidades dos pequenos fossem não apenas ouvidas mas também valorizadas e respeitadas.

Para tanto, o engajamento dos adultos foi essencial. As educadoras puderam experimentar e descobrir seu papel enquanto provocadoras e facilitadoras do processo de comunicação e participação em suas turmas. Foram convidadas a ampliar espaços de escuta nas creches, nos quais fossem estimulados a autonomia, criatividade, pensamento crítico e sentido de cidadania das crianças. Cada creche recebeu um kit com diferentes recursos, utilizados para instigar os pequenos a se expressarem por palavras, movimentos e brincadeiras. Para envolver as famílias no processo, selecionamos livros acompanhados de bonecos / brinquedos – eles representavam personagens que saíam da história para serem mascotes⁵ da turma, e eram levados para casa.

Ações como **Fala, criança**, amplamente disseminadas, contribuiriam para que as creches e outras instituições de ensino se engajassem cada vez mais no processo de reflexão sobre a importância de se reconhecer a criança como sujeito da fala, como ser pensante e participativo, atuando e modificando os ambientes e territórios onde convivem. Essa reflexão deve gerar práticas de escuta ativa, as quais pressupõem tentar apreender o sentimento, a emoção que está por trás das diferentes formas de expressão da criança. E, assim, “ouvir” suas necessidades mais profundas, de pertencimento, afeto, autonomia e reconhecimento – e tentar responder a elas.

5. O “mascote” pode ser retirado de qualquer livro. Cada creche teve um mascote diferente, saídos de diferentes histórias. Você pode “combinar” livros e brinquedos que já existem na sua creche.

Escutar as crianças implica também reconhecer quem são elas, do que precisam, quais suas vivências culturais e costumes, e até que ponto a cultura institucional considera tudo isso. A escuta da criança é a base do respeito ao seu desenvolvimento, com a construção de propostas diferenciadas de organização de ambientes que estimulam sua aprendizagem. Tudo isso, para garantir uma educação de qualidade – direito das crianças, previsto em lei.

Nas próximas páginas, você vai encontrar alguns exemplos de atividades nas quais se demonstram estratégias de escuta que favorecem a livre expressão das crianças.

Propostas de Trabalho: Abrindo tempo e espaço para as crianças estabelecerem novas relações e sentidos de ser e estar no mundo, ao se sentirem escutadas

A Roda de Conversa faz parte da rotina das creches e pode ser uma oportunidade para que as crianças desenvolvam a oralidade e a escuta mútua, interagindo e participando. Perguntar às crianças sobre as atividades que gostariam de realizar naquele dia / semana, ouvi-las, negociar com elas as possibilidades e envolvê-las na organização dos espaços de aprendizagem é trabalhar, além da participação, sua liberdade, autonomia e protagonismo.

Uma boa conversa, em geral, começa com provocações para que as pessoas possam se expressar com espontaneidade sobre situações vividas, conhecidas ou imaginadas. Para tanto, é essencial a relação afetiva entre os participantes da conversa. Na creche, o mais importante não é que as crianças estejam em círculo e sim que estejam descontraídas e motivadas a expor (em palavras, gestos, desenhos, fotos, movimentos...) o que pensam e sentem. Esta motivação é despertada por educadoras dispostas a escutá-las.





As crianças tentam adivinhar qual a próxima imagem na cartela, falando sobre animais que imaginam ou que têm como referência.

O que tem atrás dessa cartela?

Por que esta atividade?

Utilizar imagens de animais que as crianças reconheçam e dos quais gostam, ou de outros elementos significativos em sua vida, possibilita uma primeira aproximação com elas, sugerindo falas em que elas podem estabelecer relações entre as imagens e fatos de seu cotidiano e/ou situações imaginadas.

Desenvolvimento

- Preparamos um conjunto de três cartelas, em que o verso era de papel cartão de cores fortes; e na frente colamos fotos de cachorros de raças e tamanhos diferentes, e também em quantidades diferentes.
- Chegamos com as cartelas, porém sem mostrar as figuras, despertando olhares curiosos das crianças. Começamos a conversa perguntando o nome de cada criança e nos apresentando.
- Em seguida, perguntamos, em tom de mistério e brincadeira: “O que vocês imaginam que pode ter atrás dessas cartelas?”
- Depois de algumas tentativas e dicas, revelamos as imagens.
- Iniciamos uma longa conversa sobre as diferenças entre os cachorros.
- Algumas crianças, espontaneamente, começaram a fazer associações com seu cotidiano, e a contar histórias sobre cachorros e outros animais que possuíam, haviam perdido ou desejavam ter.
- Outras crianças trouxeram histórias criadas pela imaginação.
- Depois, as cartelas circularam entre elas.
- As crianças formaram grupos e pares em volta das imagens e dialogaram entre si sobre elas.

Dicas para sua prática

- Acreditar que vale a pena ouvir as crianças. Ouvir as crianças impulsiona seu processo de construção de participação, pertencimento e autonomia. Fortalece vínculos afetivos com as educadoras, imprescindíveis para que a aprendizagem e o desenvolvimento integral aconteçam. A forma mais eficaz de se desenvolver a linguagem e a autoestima da criança é escutá-la ativamente, o que significa ouvi-la com interesse e atenção, fazendo com que ela sinta que suas contribuições têm valor.



Trecho do nosso Diário de Bordo

Escutar o que as crianças tinham a dizer sobre animais de estimação possibilitou que elas revelassem muito sobre sua relação com os bichos, os medos, as alegrias e tristezas, as experiências agradáveis e desagradáveis com cães, gatos e pássaros. Em algumas turmas pudemos perceber que o verbo “comprar”, relacionado aos bichos, apareceu muitas vezes, refletindo o consumismo presente em nossa sociedade e que é difundido incessantemente pela mídia. Isso levantou um tema que poderá ser, no futuro, abordado pelas educadoras por meio de histórias em que o foco é o consumo consciente. Que tal abordar este tema num encontro com as famílias?



A Roda de Conversa nem sempre acontece em um círculo perfeito.

Confira os materiais que usamos

- ✓ 3 cartelas de 25 cm X 25 cm, com imagens de cães (podem ser utilizados imagens de outros animais).
- ✓ Som: **Carroça de mamulengos**, do grupo Palavra Cantada (CD Anunciação) e cantigas de roda.



Mascote, sai do livro!

Por que esta atividade?

Quando um personagem “sai do livro” em forma de brinquedo, passando a fazer parte da turma, como seu mascote, abrem-se enormes oportunidades para estimular a imaginação, a fala e outras manifestações expressivas das crianças – o que nos permite escutar e acolher toda essa riqueza. Além disso, elas podem levar o mascote para suas casas, junto com o livro. Durante a visita do mascote, mães, pais e outros responsáveis são orientados a ler, a brincar e desenhar com suas crianças. Ao retornar para a creche, as crianças compartilham a experiência. Assim, o lúdico ajuda a garantir o espaço de fala das crianças, a partir do que trazem sobre a estadia do mascote em suas casas, além de sensibilizar os familiares para a necessidade de ouvirem seus filhos, de conversarem com eles.

Desenvolvimento

- Seleccionamos um livro e um objeto que represente um personagem. Um dos livros selecionados, foi ***Douglas quer um abraço***, sobre um urso que tem dificuldade em encontrar quem o abraça.
- Dentro de uma sacola de tecido sem estampas, colocamos um urso de brinquedo, representando Douglas, e que seria o mascote da sala.
- Contamos a história para as crianças e junto com elas, respeitando o tempo e as especificidades de cada uma – algumas crianças têm a necessidade de se movimentar e interagir com a história, o que é respeitado no grupo, com orientação e apoio das educadoras.

- Ao final da história convidamos as crianças a falar o que acharam e sentiram sobre as aventuras e desventuras do personagem (veja “Trecho de nosso Diário de Bordo”, p. 54).
- Depois que todas puderam se expressar, mostramos a sacola e explicamos que aquela guardava algo muito precioso que precisaria de todo cuidado. Deixamos que elas imaginassem o que poderia ser a surpresa.
- Esperamos a manifestação da curiosidade para então retirar da sacola o urso de brinquedo, combinando com a turma que ele seria o mascote da sala.
- As crianças ficaram radiantes e todas tiveram a possibilidade de segurar e interagir com o mascote.
- As crianças se organizaram em relação ao tempo que cada uma tinha para ficar com o mascote, cuidando para que todas tivessem seu tempo.
- Planejamos com as crianças como fariam para levar, uma de cada vez, o novo mascote da turma para passear em suas casas, acompanhado pelo livro, dentro da sacola. Também firmamos o acordo de que, ao trazer de volta a sacola, a criança contaria para a turma as experiências que tiveram com o urso e o livro, junto com a família.



Confira os materiais que usamos

- ✓ Um livro de histórias – por exemplo, *Douglas quer um abraço*, de David Melling (Editora Salamandra).
- ✓ Um boneco / brinquedo que represente o personagem principal do livro e que será o mascote da classe – neste caso, um urso.
- ✓ Uma bolsa de pano sem estampa para guardar o mascote. A sacola poderá ser enfeitada junto com as crianças ou ter a logomarca da creche.



Dicas para sua prática

- Envolver as famílias. Mães, pais, avós, tios... também são educadores, pois, ao interagir com as crianças, contribuem para o seu desenvolvimento. Descubra outras formas criativas – como a estratégia do Mascote – para fortalecer a parceria entre quem cuida e educa na creche e quem cuida e educa em casa. É interessante que a família saiba, por exemplo, que conversar com as crianças é muito importante.

Trecho do nosso Diário de Bordo

A história do Urso Douglas, que está em busca de um abraço, mobiliza as crianças que fazem cochichos em trios e duplas, atentos ao que está acontecendo. Não fazem ideia de que Douglas está na sacola. Quando acaba a história as crianças correm pra dar um abraço coletivo, como um dos abraços encontrados pelo Urso Douglas, da história. Uma das crianças trata de correr e pegar o livro para contar a sua versão da história.



Ciranda do Chuchu e do Alface

Por que esta atividade?

Alimentos podem ser um bom tema de conversa, em especial com crianças pequenas que estão começando a formar seu paladar, descobrir preferências e a diversidade de como os alimentos se apresentam.

Desenvolvimento

- Ouvimos e ensinamos às crianças a letra da ***Ciranda do pé de chuchu e do alface***.
- Cantamos e dançamos em roda, seguindo as sugestões da música.
- Nos sentamos em círculo no chão e fizemos surgir uma “sacola mágica”, da qual saíram o chuchu e seus amigos: espinafre, alface, couve-flor, tomate, dentre outros legumes e verduras, devidamente higienizados.
- Estes alimentos foram passando de mão em mão. As crianças experimentavam as texturas e cheiros, num momento de muita descoberta e surpresas.
- Ficaram um bom tempo manuseando os legumes, enquanto, espontaneamente, comentavam sobre suas características, expressavam prazer, desgosto ou surpresa, revelando, com atitudes, gestos e palavras, seus hábitos alimentares em casa e na creche.
- Pudemos, ao escutar, aprender muito sobre a relação das crianças com os alimentos.



As crianças ficaram encantadas e muito curiosas com a couve-flor, ou “pipoca gigante”, como alguns a chamaram. Quando descobriram que ela podia se dividir em pequenas “florzinhas” isso gerou muita conversa.



Ciranda do Pé de Chuchu: nasceu, quebrou o galho e rebolou.



Confira os materiais que usamos

- ✓ Livro *De roda em roda. Brincando e cantando com o Brasil*, de Teca Alencar de Britto (Editora Peirópolis), contendo CD com a *Ciranda do pé de chuchu e do alface* mas você pode utilizar outras cirandas e músicas.
- ✓ Aparelho de som.
- ✓ Legumes e verduras que fazem parte do cardápio das crianças e que às vezes elas desconhecem.



As crianças, curiosas, descobrem a textura da beterraba e que ela tem um “rabinho” – a raiz, como explica a educadora.

Dicas para sua prática

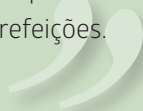
- Demonstrar que escutou a criança, levando em conta o que ela disse. Expressar seus pontos de vista sobre os assuntos que lhe dizem respeito é um direito da criança. Ouvir o que a criança comunica em linguagens verbais ou não verbais é um grande passo. Mas não basta apenas escutar. É preciso demonstrar que aquilo que a criança “diz” é levado em conta, em decisões que podem melhorar sua vida. Por exemplo, ao escutar as crianças expressarem pouca familiaridade com certos legumes, uma das creches organizou uma atividade de degustação de Alimentos Saudáveis com três turmas reunidas, em articulação com a Clínica da Família e voluntários.

- Faça uma caixa surpresa com frutas. A ideia dessa atividade com as turmas do Berçário e Maternal I partiu das educadoras. Elas enfeitaram uma caixa, colocaram nela várias frutas, bem limpas, e a fecharam. Depois de despertar a curiosidade das crianças sobre o conteúdo das caixas, elas foram convidadas a, uma de cada vez, colocar as mãos dentro da caixa, sentir o formato e a textura das frutas, e depois saboreá-las.



Trecho do nosso Diário de Bordo

Escutar ativamente as reações das crianças diante dos alimentos em estado natural foi uma experiência única. Iniciamos com a ciranda do “pé de chuchu” que nasceu, quebrou o galho e rebola pra chuchu, “Pai Francisco” e “Tindolêlê” (sugeridos pelas educadoras no planejamento e escolhidas no CD do livro). A atividade também foi realizada no pátio, uma sugestão das educadoras, para usufruírem dos outros espaços da creche e deixando de restringir as atividades ao espaço da sala. Parte do processo de reflexão e planejamento, a descoberta dos legumes e verduras pode ter início na sala e continuar no refeitório, durante as refeições.





Aprendendo a usar uma máquina fotográfica.

6. Nessa atividade foi usada uma máquina fotográfica, pois, no início do projeto **De Mãos Dadas por uma Creche de Qualidade**, em 2012, esse recurso fora distribuído a todas as creches parceiras, como parte do acervo a elas destinado. Nos cinco anos seguintes, aconteceu a rápida popularização e o barateamento dos celulares que atuam como máquina fotográfica, e a outra máquina quase desapareceu do cotidiano, para se refugiar nos ateliês dos artistas e fotógrafos profissionais. Mesmo assim, vale a pena apresentar esse objeto às crianças, para introduzi-las a mais um recurso para se comunicar.

7. Você também pode planejar a mesma atividade utilizando outra história que tenha a fotografia como tema. Não precisa ser um livro só de imagens: pode haver texto escrito, também. Existem diversas possibilidades: vale, inclusive, uma busca no acervo da sua creche. Provavelmente, encontrará um livro inspirador.

Quando as fotos falam (Etapa 1)

Por que esta atividade?

A fotografia, como o desenho ou a pintura, é uma forma de se expressar por meio da imagem. Podemos aprender muito ao estimular que as crianças tirem fotos com autonomia. Oferecer às crianças a possibilidade de captar imagens, com celulares (e/ou máquinas fotográficas)⁶, com supervisão das educadoras, valoriza seu olhar, seu poder de identificar o que lhes interessa e registrar estes aspectos, aumentando sua confiança e autonomia. Observar e tocar fotografias impressas é um estímulo para que desejem fazer suas próprias imagens, além de provocar conversas espontâneas e reveladoras sobre o que estão vendo e sentindo ao observá-las. Esta atividade foi desenvolvida em duas etapas: na primeira, as crianças aprenderam a fotografar e fizeram fotos a partir do seu olhar. Na segunda, montaram um mural e visitaram a exposição das fotos. No intervalo entre uma etapa e outra, as crianças prepararam os cartazes onde iriam depois colar as imagens. Durante todo o processo, muita conversa – entre as crianças e entre elas e as educadoras.

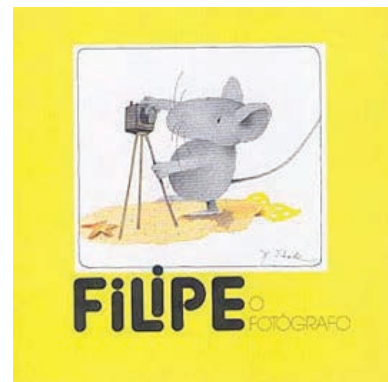
Desenvolvimento

- Decidimos despertar a curiosidade das crianças em relação às fotografias, por meio do livro **Filipe, o fotógrafo**, que conta a história de um ratinho e sua máquina fotográfica e não tem texto escrito, apenas ilustrações que estimulam a imaginação das crianças⁷. Separamos com antecedência fotografias de pássaros, paisagens, alimentos, crianças brincando, adultos com crianças; as imprimimos e colamos sobre cartolinas.
- Desenvolvemos a história junto com as crianças, num processo de escuta mútua.

- Em seguida, apresentamos às crianças a máquina fotográfica. (No seu caso, você provavelmente apresentará um celular.) No nosso caso, foi interessante notar que as crianças passavam o dedo indicador no visor da máquina, como se fosse uma tela de celular, falando por meio de gestos, de seu desconhecimento do objeto “máquina fotográfica”.
- Explicamos como tirar fotos. Uma a uma, as crianças foram experimentando e registrando aquilo que seu olhar queria e pedia.
- As crianças se divertiram muito, tirando fotos umas das outras e do que mais as interessasse.
- Contamos a elas que iríamos imprimir as fotos, e que seus trabalhos como fotógrafas seriam mostrados em um mural. Nós as convidamos a elaborar cartazes para colar suas fotos.
- Ao final, a surpresa: distribuímos às crianças as “fotografias feitas pelo Filipe”! Pudemos perceber a alegria das crianças ao tocarem nas fotos e falarem sobre o que estavam vendo.



*As crianças ficaram tão encantadas com a história de **Filipe, o fotógrafo**, que quiseram contar suas versões. Nesta foto, vemos uma atenta ouvinte, enquanto outra criança manuseia e observa as fotos.*



Confira os materiais que usamos

- ✓ Livro: **Filipe, o fotógrafo**, de Hanne Turk (Editora Martins Fontes).
- ✓ Fotografias impressas e coladas sobre cartolinas com imagens diversificadas.
- ✓ Máquina fotográfica.
- ✓ Cartolinas, para fazer os cartazes nos quais, na etapa seguinte, as fotos serão coladas.
- ✓ Giz de cera ou tinta, para desenhar ou pintar com as mãos as cartolinas que serão os suportes para as fotos.



Trecho do nosso Diário de Bordo

Ao escutar as crianças e conversar sobre a história de **Filipe, o fotógrafo** e sobre as fotos que viram, pudemos captar aspectos interessantes do cotidiano delas, pois iam falando sobre as coisas que, se pudessem, também registrariam em uma fotografia. Assim, as educadoras puderam conhecer um pouco mais sobre os interesses das crianças.



Desafio: identificar quem são as pessoas na foto e quem tirou aquelas fotografias.

Dicas para sua prática

- Usar o celular para fotografar suas atividades com as crianças. Este recurso pode ser utilizado para registrar o desenvolvimento das ações, e conversar sobre o processo com outras educadoras incrementando o diálogo e a aprendizagem profissional.
- Em uma creche, as educadoras fizeram um vídeo com fotos da Ação e de cada atividade que realizaram com as crianças e apresentaram no Centro de Estudos para toda a equipe, além do material utilizado e o kit **Fala, criança**. Uma demonstração de envolvimento da equipe no processo e de seu interesse em multiplicar e incorporar na rotina as novas propostas – documentando o processo em imagens.

Quando as fotos falam (Etapa 2)

Por que essa atividade?

As fotografias feitas pela turma, ao serem expostas, dão visibilidade aos seus interesses. Neste caso, em que as crianças se retrataram mutuamente, cada uma pôde, ao ver a própria imagem, se reconhecer e também e conhecer melhor a outra, a que tirou seu retrato. Para as educadoras é a oportunidade de “escutar” o que diz essa diversidade de olhares que ficam registrados nas imagens.

Desenvolvimento da proposta

- Iniciamos a atividade entregando às crianças as fotos que elas haviam tirado, já impressas.
- Convidamos as crianças a se identificarem nas imagens, a identificarem seus amigos e a adivinharem quem havia tirado a foto de quem.

- Observamos e “escutamos” as reações, muito diversas (veja “Trecho do nosso Diário de Bordo”).
- No meio de intensas trocas, as crianças colaram suas fotos nos cartazes que já haviam preparado.
- O cartaz foi colocado em uma parede onde outras crianças e os familiares podiam vê-lo, provocando e ampliando as conversas entre eles, as crianças e as educadoras.

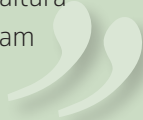
Dicas para sua prática

Pensar em fazer de sua creche “uma creche que escuta”. Procure investir cada vez mais na criação de um ambiente de convivência em que os adultos que trabalham na instituição sintam-se escutados, e portanto respeitados, pertencentes e autônomos. Quando os membros da equipe da creche praticam a escuta mútua, “desenvolvem a habilidade de não apenas falar às crianças, mas ouvi-las, compreendendo-as”⁸.



Trecho do nosso Diário de Bordo

Algumas crianças nos disseram, por meio de sua expressão de surpresa diante de fotos que as representavam, que não estavam muito familiarizadas com a própria imagem. Esta escuta levou as educadoras a refletirem sobre a importância da presença do espelho nas creches, colocado em altura compatível com a das crianças, para que elas possam enxergar seu corpo inteiro.



Ao se reconhecerem nas imagens, algumas crianças reagiram com surpresa.

Confira os materiais que usamos

- ✓ Fotos tiradas pelas crianças, impressas.
- ✓ Cartazes preparados pelas crianças com antecedência.
- ✓ Cola.
- ✓ Fita crepe / dupla face.

8. Para saber mais, leia “Escuta, o meu cuidado: círculos de paz” em **Todos juntos, cuidando e educando com alegria. Encontros para alimentar o coração e a cabeça de quem lida com crianças pequenas**, CECIP, 2017, p. 27.



Confira o material que usamos

- ✓ Jogo *A fantástica fábrica de histórias para crianças*, de Paulo Tadeu (Editora Matrix).

9. Se gostou da ideia, você também pode criar uma “fábrica de histórias”, recortando alguns cartões e escrevendo em cada um deles o início de uma história instigante. Alguns exemplos: “Era a primeira vez que o gatinho saía de casa sem sua mãe. Quando virou a esquina, deu de cara com...”; “A noite estava fria e chuvosa. Alguém bateu à porta. Era...”; “Sonhei com um jacaré enorme. Quando acordei...” e o que mais você imaginar.

O que será que aconteceu depois? História criativa coletiva

Por que esta atividade?

Escutar as crianças, convidando-as a dar continuidade à introdução de uma história que está em aberto e não pertence apenas a quem a iniciou, desenvolve a força da imaginação criativa da turma, além de encorajar / aguçar sua oralidade. A escuta dessas falas permite às educadoras captar elementos importantes sobre as crianças e como percebem o mundo. Para as próprias crianças, esta prática oferece a oportunidade não só de falar sobre seus sonhos e fantasias, mas de aprender a ouvir o outro e completar, enriquecer o que ele começou.

Desenvolvimento da proposta

- Apresentamos a brincadeira às crianças, mostrando as cartas do jogo *A fantástica fábrica de histórias*, e explicando como brincar.
- Pedimos para uma das crianças escolher uma carta (cada carta continha o início de uma história) e a lemos. Por exemplo, em uma carta estava escrito: “Um cachorro pegou um osso e começou a cavar um buraco bem fundo – e acabou encontrando uma coisa que não esperava...”
- De forma lúdica, perguntamos ao grupo: “O que será essa coisa? E o que será que aconteceu depois?!?”
- Na sequência, a proposta é que as crianças continuem contando a história e se complementando.
- Quando a história coletiva se esgota, recomeça o processo com uma nova história.
- A brincadeira se repetiu várias vezes (enquanto as crianças estavam interessadas e se divertiam)⁹.
- No Berçário, as cartas da *Fantástica fábrica de histórias* foram substituídas por uma Lagarta de brinquedo que continha uma história e virava borboleta. Este personagem estimulou muito a brincadeira e a fala das crianças pequenas, umas com as outras.

Dicas para sua prática

- Fazer com que as crianças se vejam enquanto autoras. Elas vão se sentir orgulhosas, escutadas e valorizadas se você organizar um livrinho consolidando todas as histórias por elas inventadas, a ser distribuído às famílias.
- A escuta é um processo e não se enquadra em fórmulas prontas e definitivas. Embora algumas dicas, como as que citamos neste capítulo, possam ajudar, não existe uma única forma de se fazer a escuta ativa e estimular a participação das crianças.
- Se gostou da ideia, você também pode criar uma “Fábrica de histórias”, recortando um número x de cartões e escrevendo em cada um deles o início de uma história instigante, por exemplo: “Era a primeira vez que o gatinho saía de casa sem sua mãe. Quando virou a esquina, deu de cara com...”; “A noite estava fria e chuvosa. Alguém bateu à porta. Era...”; “Sonhei com um jacaré enorme. Quando acordei...” e o que mais você imaginar.



No Berçário, as cartas da **Fantástica fábrica de histórias** foram substituídas por uma Lagarta que vira borboleta e estimulou muito a brincadeira e a fala das crianças pequenas, umas com as outras.

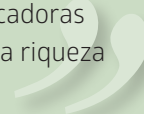


Trecho do nosso Diário de Bordo

Ao final, disponibilizamos as cartas com inícios de histórias, para que as crianças as manuseassem e brincassem com elas. Em alguns momentos as crianças pegavam uma carta, apontavam para o que estava ali escrito e começavam a “ler” – na verdade começavam a inventar uma história ditada por sua imaginação.

No decorrer dos encontros, as educadoras participaram das atividades, observando e colaborando. Planejamos em conjunto as ações com as crianças, enquanto refletíamos o tempo todo sobre a prática. Por meio do diálogo, quando exercitamos a fala e a escuta ativa, saímos do processo diferentes de quando entramos. As educadoras compartilharam

sentimentos como: “eu achava que ouvia as crianças, mas na realidade não ouvia”. Perceberam o quanto a ludicidade e o espaço aberto para as crianças se expressarem possibilitavam outras formas de interação e de escuta. Essa nova forma de escutar o que está além das palavras – a expressão corporal, o tom de voz – fez com que conseguissem melhor captar as especificidades das crianças e ampliou seu conhecimento sobre elas. “Eu fiz a escuta e entendi, a partir dos gestos deles, o que queriam dizer”, afirmou uma delas. Ao final da ação, muitas educadoras conseguiram descobrir o que fazer com a riqueza que a livre expressão da crianças traz.







ELABORAÇÃO DE PROJETOS PEDAGÓGICOS

Projeto de sala: Educadoras arquitetando aprendizagens

“A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca. E ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria.”

PAULO FREIRE



Visão Geral

A Ação **Projeto de sala** foi organizada para sensibilizar e preparar as educadoras para desenvolver propostas pedagógicas de acordo com os interesses e necessidades das crianças, considerando-as como parceiras na criação e desdobramento do trabalho.

Conversando com as equipes sobre essa intenção inicial, encontramos grande receptividade – e assim, colocamos a Ação em prática.

Por que esta Ação? Porque se as educadoras de todas as creches conseguem (como as nossas parceiras conseguiram) identificar os desafios com que se defrontam ao cuidar e educar crianças de até 4 anos e, a partir daí, criam coletivamente respostas que alimentem todo o potencial de desenvolvimento com que estão lidando, poderão ser construídas mudanças e aprendizagens poderosas.

Em seguida, você encontrará o exemplo de dois projetos pedagógicos elaborados e realizados em creches, a partir de questões identificadas pelas educadoras. É importante ressaltar que as atividades descritas aqui aconteceram em vários dias, não necessariamente consecutivos. O mesmo tema é retomado e trabalhado com outra abordagem, outra técnica é apresentada, e assim a educadora vai ajudando as crianças a aprofundar os seus conhecimentos, partindo dos seus interesses, estimulando a sua curiosidade.

Projetos que abrem tempo e espaço para as crianças estabelecerem novas relações e sentidos de ser e estar no mundo: dois exemplos

Todos os projetos idealizados e realizados em parceria com as equipes das creches participantes conseguiram, em maior ou menor medida, realizar seus objetivos. Por motivos de espaço, nos limitamos a descrever apenas dois deles, um destinado a provocar o interesse das crianças pelas atividades artísticas – em especial, o desenho livre; outro, com vistas a canalizar a energia das crianças para ações criativas ligadas sobretudo à arte do movimento.

Cada um desses projetos é apresentado da seguinte forma: descrição do problema que ele busca solucionar; análise compartilhada da situação que possivelmente gerou o desafio; o foco e objetivos do projeto, coletivamente definidos, a partir da análise realizada, visando superar o problema / desafio; a proposta na prática, ou seja, a série de atividades inter-relacionadas que, em seu conjunto, possibilitaram atingir os objetivos do projeto, com o passo a passo de cada uma delas; dicas importantes para a construção e realização de um projeto na creche e, por fim, algumas reflexões retiradas de nosso Diário de Bordo.





Desenhar novas possibilidades: o projeto da Creche Maria Helena (Grupo Comunitário Creche Berçário Nova Jerusalém) ¹⁰

O problema

A educadora estava preocupada com o fato de sua turma de crianças de 3 a 4 anos não demonstrar interesse em desenhar. Em geral, os desenhos eram feitos de forma apressada, como se quisessem terminar logo.

Analisando a situação

Para tentar explicar o comportamento das crianças, em primeiro lugar procuramos compreender, observando a dinâmica da turma, o porquê de as crianças não se mobilizarem para o desenho. Refletimos um pouco a respeito de questões como: Em que momento são oferecidas as atividades de arte? De que maneira? Com que intenção? Qual a periodicidade dessas atividades? As propostas estimulam a experimentar e a explorar os materiais? Oferecem às crianças condições de expressar seus sentimentos? Elas se sentem confiantes para criar ou querem apenas dar uma resposta aos adultos?

10. Muito nos inspiraram o site www.tempodecreche.com.br e o livro ***Interações: onde está a arte na Infância?***, de Stela Barbier (Editora Blucher, 2012).

Definindo o foco e os objetivos do projeto

A partir de muitas conversas com a educadora e da observação das crianças no espaço da sala, começamos a definir o foco do projeto: criação artística, utilizando uma diversidade de técnicas. Queríamos organizar situações que mobilizassem o desejo de inventar e (a)risar, utilizando: a) um conjunto diversificado de materiais para desenhar – lápis grafite, carvão vegetal, giz de lousa, giz de cera, palitos, lápis de cor, canetinhas tipo pilot, pincéis e tinta; e b) um conjunto diversificado de suportes – papéis de vários tipos e tamanhos, argila, caixas de papelão.

Os objetivos:

- Convidar as crianças a experimentarem diferentes possibilidades de se expressar livremente por meio das artes plásticas, com foco no desenho.
- Estimular a imaginação das crianças por meio do diálogo entre literatura e artes plásticas / desenho.
- Promover a interação entre as crianças.

As atividades aconteciam na parte da tarde, logo depois que as crianças acordavam, o que nos dava tempo de arrumar e disponibilizar com engenho e arte os materiais que seriam usados. Sabíamos que era preciso cuidar dos mínimos detalhes para atrair e mobilizar o interesse da turma.





Enquanto as crianças dormiam, preparamos a mesa da varanda com o material, de forma atraente, convidativa.



Cada criança escolheu o material mais atraente para ela.



Esta menina usou canetinhas, mas sua preferência foi o lápis preto 2B.



Ao usar lápis, pilots, giz, as crianças puderam observar as diferenças nos traços que cada um possibilita, na forma de segurar, na força necessária para obter determinado traçado.



Mais tarde, enquanto lanchavam, as crianças olhavam para a parede apreciando seus trabalhos. O menino comentou: "Tá tudo muito lindo!"

A proposta na prática

Brincando com o branco e o preto

Por que esta atividade?

Queríamos que as crianças comesçassem a acordar seu potencial criativo, investigando o uso de duas cores básicas, o branco e o preto, em diferentes suportes e materiais gráficos.

Preparação / Material necessário

Organizamos a mesa da varanda assim: papéis brancos e pretos, dispostos lado a lado; cestinhas com lápis grafite 2 B, giz de cera pretos; cestinhas com pilots e canetinhas pretas; cestinhas com giz de lousa brancos. Mas, atenção: é muito importante oferecer opções para que cada criança escolha o que mais lhe interessar.

Desenvolvimento

- Convidamos as crianças a se sentarem à mesa e escolherem os materiais que queriam usar.
- Respeitamos as opções das crianças: algumas usaram apenas uma caneta ou um lápis, outras fizeram questão de experimentar todos os materiais. Algumas eram mais atraídas pelos suportes brancos, outras pelos pretos.
- Incentivamos as crianças a interagirem e observarem a diferença nos traços do lápis, da canetinha, do giz; a intensidade da força necessária para conseguir os melhores resultados em cada um deles.
- Colocamos molduras contrastantes para valorizar ainda mais os desenhos (brancas para os suportes pretos e vice versa).
- Fizemos uma exposição das produções na parede e esta foi visitada e muito apreciada pelas crianças.





Preparamos duas mesas, uma com atividade de artes, para poder dividir o grupo e assim dar mais atenção a cada criança.



Dividimos o grupo entre as mesas, mas o que mais chamava a atenção era a mesa da argila.

Descobrindo possibilidades



Amassar.



Enrolar.



Esculpir.



Criar um bolo de aniversário.



Os palitos não servem apenas para desenhar.

Criar com argila

Por que esta atividade?

Manipular argila é uma das atividades artísticas mais antigas dos seres humanos. Nosso objetivo aqui era deixar que a criatividade das crianças fluísse ao desenhar na argila, usando palitos como riscadores.

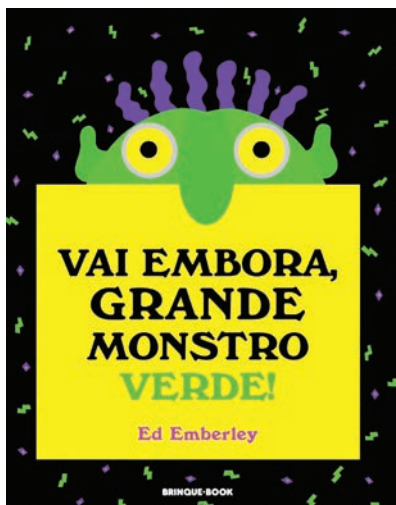
Preparação / Material necessário

Organizamos cuidadosamente uma mesa, nela dispoño placas / “bolachas” de argila e palitos de picolé em número suficiente. Em outra mesa, deixamos papel branco e, em cestinhas, canetinhas pretas e coloridas, lápis de cor e giz de cera coloridos. Assim poderíamos dividir o grupo e dar mais atenção a cada criança.

Desenvolvimento

- Dividimos o grupo entre as mesas com atividades diversificadas, mas o que mais atraía a curiosidade das crianças era a mesa da argila.
- Observamos que algumas chamaram a argila de massinha, demonstrando pouca intimidade com esse material.
- A proposta era usar a superfície da argila para desenhar, usando os palitos, mas ao encontrar espaço livre para criação, as crianças inventaram e ampliaram a atividade.
- Além de desenhar, as crianças aproveitaram todas as possibilidades da argila: amassar, enrolar e esculpir, criar “esculturas”, com os mais diferentes formatos. Os palitos foram usados não apenas para rabiscar, como planejado, mas, de forma imprevista, para enfeitar as esculturas.





Fazer um monstro e rir dele

Por que esta atividade?

As histórias despertam a imaginação da criança. As que falam de monstros ajudam os pequenos a lidar com os medos e a descobrir como superá-los. O livro *Vai embora, grande monstro verde*, de Edward R. Emberley (Editora Brinque-Book), tem um projeto gráfico inovador, pois apresenta a cara de um monstro sendo construída e desconstruída no decorrer da história. A partir daí, as crianças poderiam fazer coletivamente um monstro de sucata, e talvez nele se inspirar para criar individualmente seus monstrinhos, por meio do recorte e colagem e do desenho.

Fase 1 – Com quantas caixas se faz um monstro?

Preparação / Material necessário

Colocamos discretamente, em um canto da sala, o material que seria usado para criar o monstro, depois da contação de história: para o corpo, oito caixas de papelão, quase do mesmo tamanho, com exceção de uma, menor, na qual fizemos dois buracos redondos que se transformariam nos olhos do monstro; dois “macarrões” de plástico (desses que se usam nas aulas de natação para manter a pessoa flutuando), que poderiam ser os braços; papéis coloridos para os cabelos; embalagens vazias, de diversos tamanhos, para orelhas e nariz; canudos de plástico e palitos para os dentes; tesoura; fita adesiva transparente larga, para colar os diferentes elementos; potinhos de tinta guache de cores diferentes, para pintar o monstro; pincéis e rolinhos, para pintar; jornais, para forrar o chão.

Desenvolvimento

- Contamos a história de *Vai embora, grande monstro verde* para as crianças. Elas se divertiram e riram muito.
- Mostramos as caixas de papelão e as convidamos a montar um grande monstro. As crianças ficaram muito animadas.
- Por meio de perguntas, motivamos as crianças a fazer descobertas e tomar as decisões. Primeiro, empilhamos as caixas. Elas observaram bem e as rearrumaram, deixando a caixa com os dois furos para ficar em cima... os furos poderiam ser os olhos.
- Apreciando o resultado, as crianças lembraram que o monstro devia ter uma boca enorme, e recortamos um grande buraco na caixa que representava a cabeça do monstro.
- Agitadas e alegres, as crianças movimentavam-se livremente pela sala, procurando e identificando objetos que poderiam servir para a construção do monstro. Logo identificaram os dois pedaços de macarrão de piscina, que ficaram ótimos no lugar dos braços.
- Aos poucos, o monstro foi tomando corpo. Motivadas, as crianças iam descobrindo que objetos e sucatas poderiam ser usados para fazer o nariz, as orelhas, os cabelos e os dentes.
- As educadoras ajudaram a recortar e fixar com fita adesiva transparente os “apêndices” do monstro escolhidos pelas crianças.
- Quando o monstro ficou pronto, disponibilizamos duas latas de tinta, uma verde e outra azul – e as crianças escolheram, em conjunto, a cor azul. Usando os rolinhos de tinta, capricharam



Primeiro, empilhamos as caixas.



na pintura do monstro. (Forramos o chão com jornais, para não sujar.)

- O 'monstro verde' virou 'monstro azul' e as crianças o batizaram com o nome de Tralalá. O sucesso do Tralalá junto às crianças impulsionou as atividades do dia seguinte, de colagem e desenho livre.



As crianças capricharam na cor que escolheram. Da história e da criatividade das crianças nasceu o Monstro Tralalá.

Fase 2 – Os lindos filhinhos do monstro / colagem

Por que esta atividade?

Depois da realização de uma atividade artística coletiva, era importante possibilitar às crianças trabalhar sua criatividade individualmente. Ao fazerem a colagem, poderiam aumentar sua aproximação afetiva com o personagem “Monstro”, despertando novas ideias para outra etapa: o desenho livre.

Preparação / Material necessário

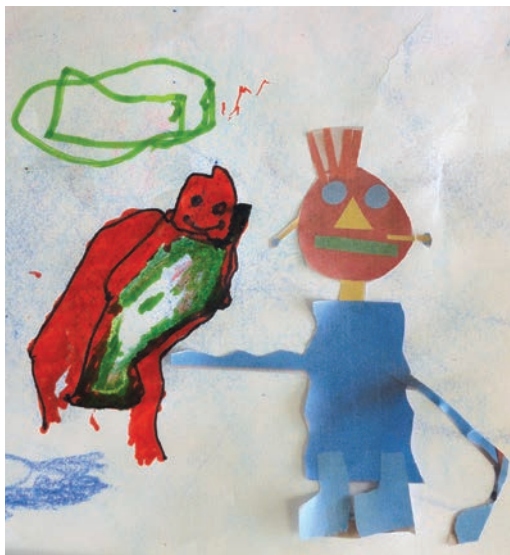
Recortamos papéis coloridos em formato de retângulos e círculos de diferentes tamanhos, colados em cartolina. Colocamos estas “peças” dentro de cestinhas cuidadosamente dispostas sobre a mesa, acompanhadas por cola em potinhos, pincéis e tesouras sem ponta.

Desenvolvimento

- Depois que as crianças se sentaram à mesa, nós as convidamos a manipular os recortes de figuras geométricas para criar seus monstrinhos.
- Cada criança escolheu as cores e o formato de seus monstrinhos. As tesouras foram usadas para fazer ajustes.
- Cada criança determinou como queria colar as partes do seu monstrinho: “São os filhinhos do monstro Tralalá”, disse uma delas... e assim foi.
- Quando as crianças terminaram o trabalho, fomos todos afixar os “filhinhos” na parede, próximo ao monstro Tralalá.



O Monstro Tralalá e seus filhinhos.



Fase 3 – Os filhinhos do monstro e seus amigos / desenho

Por que esta atividade?

Os desafios anteriores – exploração dos diferentes materiais de desenho e rabisco, em diferentes suportes, construção coletiva do monstro, criação do “seu” monstrinho – despertaram ideias e emoções que agora poderiam se expressar de forma fluente por meio do desenho.

Preparação / Material necessário

Fotografamos os monstros criados pelas crianças. Em seguida, imprimimos e recortamos os monstrinhos. Dispusemos sobre a mesa, bem organizados: os recortes dos “filhinhos do Tralalá”, folhas de papel sulfite, cola, cestinhas com giz de cera colorido e canetinhas pilot colorida, copinhos com lápis de cor. Também reservamos pedaços de papel cartão colorido, para as molduras dos desenhos.

Desenvolvimento

- Sugerimos que cada criança pegasse o “seu” monstrinho e o colasse, na posição desejada, em uma folha de papel sulfite.
- Em seguida, as crianças foram convidadas a usar lápis de cor, giz de cera e canetinhas coloridas para desenhar o que quisessem, para fazer companhia aos monstrinhos.
- Cada criança desenhou algo diferente para fazer companhia ao seu monstrinho: de membros da família a super heróis.
- Colocamos um destaque de papel cartão colorido em cada trabalho das crianças, antes de afixá-los na parede para uma exposição.



Dicas importantes para a construção e realização de um projeto na creche¹¹

- Partir do conhecimento – objetivo e subjetivo – da realidade a ser transformada. Procuramos não apenas coletar informações, como apreender as percepções de todos os envolvidos na questão.
- Pesquisar e delimitar coletivamente o foco da questão. Consultas a websites, livros e outros materiais sobre o tema ajuda a delimitar o foco. Conseguir definir de forma clara e específica o que se pretende realizar é o primeiro passo para garantir a realização do projeto.
- Levantar os materiais a serem utilizados nas atividades e prepará-los com antecedência. Os recursos que apoiam as atividades (de aparelho de som a sucata) são determinantes para o sucesso das mesmas, e não podem ser improvisados.

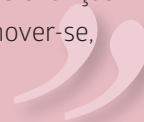


Trecho do nosso Diário de Bordo

As fotografias e vídeos que fazíamos durante cada encontro facilitaram a reflexão sobre a prática. As educadoras puderam notar o quanto a intencionalidade de cada ação e a seleção de materiais adequados eram cruciais para que os objetivos desejados fossem atingidos.

Elas perceberam também que contar histórias como forma de provocar a vontade de desenhar pode ser uma boa estratégia para liberar a criatividade das crianças no desenho, pois a relação afetiva que elas estabelecem com a história e o personagem as mobiliza e dá asas à sua imaginação. Notaram que uma proposta pode e deve ser modificada ao se escutar o que a criança diz com suas atitudes e gestos. Assim, por exemplo, as crianças reorientaram o trabalho com a argila, que deixou de focar apenas o desenho com o palito para se transformar na exploração de todas as possibilidades do material.

Outra reflexão diz respeito ao equilíbrio entre razão e emoção, controle e liberdade: as educadoras, com afeto e também de forma racional, pensam o projeto e estruturam as atividades para que a emoção e a criatividade das crianças possam fluir sem barreiras. Elas têm escolha e, portanto, controle sobre o tipo de material utilizado, sobre a organização do espaço e do tempo – mas não tentam controlar as escolhas das crianças... elas ficam livres para exercer sua autonomia ao mover-se, interagir e estruturar o trabalho.



11. Para saber mais, leia **Atividades e propostas criativas**, CECIP, 2015.



Roda Pião: liberando o movimento na Creche Morro da Alegria¹²

O problema

As educadoras descreviam um quadro em que sobressaía o comportamento muito agitado e até agressivo das crianças de 2 a 3 anos; elas batiam umas nas outras por qualquer motivo. Mordidas também eram frequentes.

Analisando a situação

Tanto os relatos das professoras como a observação das crianças na sala mostravam que elas estavam desenvolvendo bem a linguagem oral e, embora pouco se manifestassem na Roda de Conversa, interagiam entre si, tanto verbalmente – muitas vezes com frases completas –, como não verbalmente. Elas “se olham; se comunicam às vezes com olhares e gestos”, afirmou uma professora. Segundo as educadoras, o que mais as crianças gostavam de fazer era brincar (em especial com as panelinhas da cesta de brinquedos), ouvir histórias, cantar e dançar.

Chamava a atenção o fato de que o espaço da sala era pequeno para o tamanho da turma. Isso gerava nas educadoras a tentativa de conter o movimento das crianças, com receio de esbarrões e quedas, preferindo atividades em que todos ficavam sentados. Acontece que, em seus primeiros anos de vida, a criança precisa se movimentar para conhecer o mundo e conhecer-se a si mesma. É uma necessidade tão imperiosa quanto a de se alimentar e, se for desatendida, prejudicará seu desenvolvimento integral. Por meio do movimento, a criança transforma sua agressividade em gestos criativos. Se a movimentação espontânea da criança é considerada “agitação” e represada, a agressividade natural, que em si é neutra, pode se transformar em agressão.¹³

12. Na elaboração do Projeto Roda Pião, nos inspiramos em sites da internet que abordavam o tema, e em dois textos: ***A dança com alma de criança!***, de Lisete Arnizaut Machado de Vargas e ***As artes no Universo Infantil***, de Susana Rangel Vieira da Cunha (Org.) Editora Mediação.

13. Para saber mais sobre a diferença entre agressividade e agressão, procure em ***Conflitos na escola: modos de transformar***, de Ceccon, Ednir, e outros (CECIP/Imesp, 2009, p. 58).

Definindo o foco e os objetivos do Projeto

Estas considerações nos levaram a imaginar um projeto no qual o foco estivesse em estimular as crianças a realizar, de forma lúdica, movimentos corporais espontâneos e a dançar, utilizando, como deflagradores, músicas de roda, brinquedos, panos, histórias e instrumentos musicais.

Estabelecemos que iríamos promover atividades corporais em que as crianças pudessem:

- transformar sua energia em movimento e criatividade;
- interagir, socializar;
- conhecer e valorizar as possibilidades expressivas do próprio corpo;
- valorizar a dança como forma expressiva.

Pensamos em utilizar a brincadeira do pião como catalizadora de todas as demais. Afinal, o pião é um objeto que se define pelo movimento – um movimento que pode ser acionado ou travado pela pessoa que interage com ele.

A partir daí, iríamos “acordar” o corpo da criança e liberar seus movimentos, iniciando com cantigas de roda, depois contando uma história cujo personagem induzisse as crianças a se movimentarem, seja dançando com tecidos, seja “fazendo de conta” que pinta as paredes ou as pintando de verdade. Para terminar, uma ciranda evocando a movimentação dos animais e convidando as crianças a se movimentarem ao tocar instrumentos como chocalho e pandeiro – e uma última brincadeira com o pião.

Esta sequência tem a vantagem de mostrar que o movimento pode e deve integrar-se a qualquer atividade, seja ela dança, contação de histórias ou artes plásticas.

O pião pode rodar em qualquer tempo e lugar.





A proposta na prática

As atividades sempre se iniciavam com um aquecimento. Por exemplo: **Vamos acordar esse corpo!**

Em vez de levar um tempo enorme trazendo as crianças para uma roda, para depois começar a brincar, começávamos a fazer algo para que as crianças se aproximassem com interesse.

Ao som de uma música, sentávamos no chão, descalças, e começávamos a mexer com os dedos dos pés para a frente e para trás. Sugeríamos que as crianças tirassem os sapatos e mexessem os pés... para acordar todos os dedinhos. Estimulávamos que um pé conversasse com o outro pé, e inventávamos movimentos diversos (se alguma criança não permitia que lhe tirassem os sapatos, essa vontade era respeitada).

Depois, anunciávamos que era hora de acordar os braços, e começávamos a criar movimentos, sempre acompanhando a música.

Por fim, nos levantávamos e dançávamos a todo vapor, mexendo a cabeça, as pernas, acordando todas as partes do corpo.

Quem quer rodar o pião?

Por que essa atividade?

A música *O pião entrou na roda* introduz o pião – um dos brinquedos mais antigos da humanidade – que é o “objeto mágico” a conduzir a criança para o mundo da movimentação livre e prazerosa.

Preparação / Material necessário

CD com a canção *O pião entrou na roda*; três piões (usamos um de alumínio, outro de madeira, e outro de plástico).

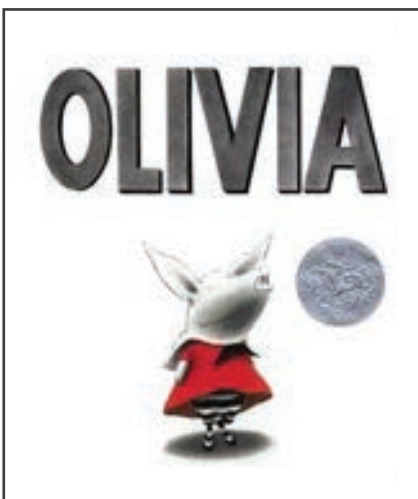
Desenvolvimento

- Colocamos a música para tocar. Começamos a cantar e dançar, fazendo os movimentos sugeridos pela letra ("roda, balança, sapateia, mostra sua figura..."), e as crianças acompanharam, também cantando, dançando e rodopiando.
- Convidamos as crianças a sentar numa roda para que pudéssemos mostrar uma surpresa.
- Apresentamos os três piões. Cada educadora pegou um deles e se dirigiu a um canto da sala, acompanhada por um pequeno grupo de crianças.
- As educadoras mostraram como rodar o pião e as crianças ficaram maravilhadas com suas cores, sons e movimentos.
- As crianças interagiram com os piões, movimentando o corpo inteiro. Agarravam o pião, saíam correndo com ele, rindo e gritando, derrubavam o pião, faziam com que rodasse, pegavam de novo... A atividade gerou excitação, curiosidade e alegria, como previsto.

Obs: Depois disso, no começo de cada dia, as crianças pediam para brincar um pouco com o pião. Passou a fazer parte da rotina, junto com o aquecimento inicial.



Todos os dias as crianças queriam brincar com os piões.



Dançando e experimentando roupas com Olívia

Por que essa atividade?

Ao vincular-se afetivamente a um personagem que adora se mexer, como a porquinha Olívia, as crianças ficam cada vez mais motivadas a explorar as possibilidades do movimento, usando tecidos para dançar e imitar movimentos de se vestir. A atividade é desenhada para que as crianças aumentem a consciência do próprio corpo, inclusive percebendo-se no espelho, e percebam também o corpo dos outros, aprendendo novas formas de se movimentar.

Preparação / Material necessário

O livro *Olívia*, de Ian Falcone (Editora Globo Livros); cesta para colocar os livros; seleção de músicas tranquilas e agitadas; cortes de tecidos vermelhos de tamanhos variados – um para cada criança; espelho de corpo inteiro.

Desenvolvimento

- Contamos a história, mostrando as ilustrações a carvão e guache vermelho. Olívia é uma porquinha muito dinâmica, que detesta ficar parada e está o tempo todo se mexendo, a dançar e experimentar as roupas do armário, pintando as paredes do quarto.
- A história foi o deflagrador de vários tipos de movimento. Ao som de músicas cujos ritmos iam variando, foi distribuído um tecido vermelho para cada criança e elas foram convidadas a dançar com a Olívia, criando movimentos com os tecidos.
- Depois disso, colocando outras músicas para tocar, sugeriu-se que agora íamos brincar de experimentar as roupas do armário

da Olívia. Cada pedaço de tecido ia se transformar na roupa ou adereço que elas quisessem – podia ser um lenço, uma capa, uma saia, um turbante... As educadoras sugeriram as primeiras experimentações e logo as crianças entraram no jogo e também começaram a criar. Uma criança tentava imitar a outra, mas acabava encontrando uma solução um pouco diferente. As reações se misturavam e um inspirava o gesto do outro.

- Brincar de experimentar roupas fica melhor quando se pode olhar no espelho. Ao depararem com o espelho de corpo inteiro colocado na sala, a reação foi incrível. A impressão era de que as crianças não estavam acostumadas a ver a própria imagem refletida no espelho, muito menos interagir com elas mesmas e com as outras através do espelho.
- Para finalizar, as crianças foram estimuladas a revisitar a história de Olívia, depois de terem vivido duas de suas aventuras.



A menina ficou fascinada ao se ver no espelho e olhar para as colegas através dele.



A ilustração da Olívia fantasiada de monstro, para assustar seu irmão, foi uma das cenas prediletas das crianças.



As crianças tiveram muito prazer em folhear o livro.



Pintando a sala e o sete, com Olívia

Por que essa atividade?

Revisitando a história da porquinha Olívia, as crianças continuam a descobrir o mundo dos movimentos, explorando os gestos ligados ao ato de pintar: primeiro, na imaginação e, depois, na realidade.

Preparação / Material necessário

Um pedaço de tecido de filó para cada criança; música calma (usamos *Trenzinho caipira*, de Villa-Lobos); tecido para ser pintado pelas crianças (usamos um algodão encorpado); potes de tinta guache de várias cores e pincéis em número suficiente para as crianças.

Desenvolvimento

Primeira etapa

- Recontamos a história da Olívia, destacando o trecho em que ela pinta seu quarto.
- Ao som de uma música suave, distribuimos um pedaço de tecido de filó colorido para cada criança. Pedimos que elas sentissem o toque do tecido na pele do rosto, dos pés, nos cabelos... Depois, sugerimos que observassem a cor, e percebessem o que enxergavam quando colocavam o tecido diante os olhos...
- Continuando, ainda com a música tocando, provocamos a turma: “Vamos fazer de conta que esse filó é um pincel com tinta? Vamos fazer como a Olívia, e pintar tudo? A parede, a estante, o corredor, a mesa...”
- As crianças se entusiasmaram e “pintaram” as paredes, janelas e móveis da sala... Até o cabelo da professora foi “pintado” com o filó.

Segunda etapa

- Dividimos o grupo em duas turmas, de modo que uma continuava na sala, “lendo” os livros que havíamos separado, e o outro se dirigia para o andar superior da creche, a laje, onde o tecido já estava esticado na parede (ou no chão, em alguns casos), os potinhos de guache organizados e os pincéis. Depois de pintarem “de mentirinha”, iam pintar de verdade... Levamos as crianças em grupos pequenos para a laje, para que elas pudessem aproveitar melhor, já que o espaço não é muito grande.
- Cada grupo que chegava encontrava um tecido novo para pintar.
- Foi possível observar as diferentes atitudes de cada criança. A forma de pegar o pincel, as que preferiam pintar o próprio corpo, as que ficavam sentadas ao redor do tecido, as que sentavam sobre o tecido misturando-se com a própria pintura.
- Observamos também que algumas crianças não tinham intimidade com tintas e pincéis. Isso nos fez pensar na necessidade de oferecer às crianças mais oportunidades de mexer com tintas.





A menina explorou o instrumento de várias formas. Mexeu delicadamente nas rodela de metal, parecendo sentir mais o toque, o tato, do que o som. Colocou o pandeiro na cabeça e só começou a bater as mãozinhas no pandeiro quando uma criança passou por ela batucando.

Virei um bicho!

Por que essa atividade?

Imitar a movimentação dos animais, que as crianças tanto amam, é uma fonte inesgotável de alegria e descobertas. E, depois de vivenciar a movimentação dos seres da natureza, nada como experimentar os ritmos da cultura popular e tentar se mover ao som de uma ciranda, brincando de tocar instrumentos musicais simples, como o pandeiro e o chocalho...

Preparação / Material necessário

Gravuras com diferentes imagens de animais; música ***A ciranda dos bichos*** (do grupo Palavra Cantada); instrumentos musicais: chocalhos e pandeiros para todas as crianças.

Desenvolvimento

- Ao som de uma música calma, mostramos as gravuras de animais, como macaco, cavalo, cobra, borboleta, aranha. À medida que viam as gravuras, as crianças iam brincando de virar bicho e imitando seus movimentos.
- Depois, colocamos outra música tranquila, e anunciamos que os bichinhos agora iam descansar, fazendo massagem um no outro.
- Distribuímos instrumentos musicais, como chocalhos e pandeiros, e colocamos a música ***A ciranda dos bichos***.
- Com os instrumentos nas mãos, as crianças produziram som enquanto dançavam.

Olha quem está aqui!

Por que essa atividade?

Reconhecer-se em fotografias, se ver através do olhar do outro é uma alegria muito grande para as crianças. E, para as educadoras, observar a alegria das crianças em movimento é mais um estímulo para que elas continuem a fazer o pião rodar.

Preparação / Material necessário

Selecionar imagens das atividades realizadas, emoldurá-las com papel cartão e fazer uma exposição.

Desenvolvimento

- Enquanto as crianças tomavam café da manhã, espalhamos as fotos das atividades realizadas pelas paredes da sala.
- Quando elas entraram e perceberam as fotos, começaram a percorrer a sala, apontando para as fotos e chamando a professora e os amigos para verem. Um registro cheio de significado para elas.
- Para terminar, reunimos as crianças em volta dos piões e as convidamos a observá-los com calma: seu movimento de rodar, o movimento de parar e cair, o som.



As crianças adoraram se ver nas fotos.



Triângulo amoroso: criança, educadora, pião.

Dicas importantes para a construção e realização de um projeto na creche¹⁴

- **Honrar a participação das crianças na definição dos rumos do projeto**

É importante observar e ouvir as crianças, pois elas sempre nos indicam o caminho. Os objetivos e as estratégias do projeto são negociados com as crianças, seja de forma verbal ou por meio da escuta do que dizem seus gestos, movimentação, expressões faciais. Essa escuta determina adaptações, mudanças que vão adequando o projeto às necessidades e aspirações das crianças.

- **Avaliar e modificar o projeto durante sua execução**

A equipe envolvida na realização do projeto precisa estar disposta a refletir continuamente sobre a prática, fazendo ajustes durante o processo.

- **Registrar e comunicar o projeto**

Um projeto bem-sucedido inspira mais educadoras e educadores a agir para transformar a realidade. Assim, é importante registrar cada etapa do processo por meio de vídeos e fotografias, disseminando o processo, as descobertas e realizações entre os colegas, no Centro de Estudos, para os pais e responsáveis, nas reuniões com as famílias, e, com autorização das mesmas, nas redes sociais e, se possível, em publicações especializadas.

14. Para saber mais, leia **Atividades e propostas criativas**, CECIP, 2015.



Trecho do nosso Diário de Bordo

A prática de conversar com as educadoras depois de cada encontro possibilitou que pudéssemos avaliar continuamente e ajustar o planejamento. A reação das crianças nos ajudava a perceber o que havia sido positivo e o que poderíamos fazer diferente da próxima vez. Assim, ajudou muito o fato de estarmos o tempo todo registrando as atividades em fotos e vídeos. Podíamos olhar cada criança, as que entraram logo na roda, as que precisavam observar muito antes de entrar, as que dançavam mexendo todo o corpo, as que se mexiam sem sair do lugar, o menino que balançava a cabeça no ritmo da música. Enfim, as educadoras se admiraram ao passar a observar coisas que não viam antes.

O primeiro encontro – quando as crianças se deslumbraram com os piões, correram e gritaram atrás deles – nos deu oportunidade de comparar nossas diferentes interpretações sobre um mesmo evento. Onde víamos crianças curiosas e excitadas com o pião, as educadoras viam crianças agitadas e agressivas. Conversamos muito nesse dia sobre essa situação e também nos encontros seguintes: o que promove a agitação? O que em geral se considera agressividade? Que comportamento esperar de crianças de apenas 2 anos?

Quais as características das crianças nesta faixa etária? Como o espaço favorece ou desfavorece o desenvolvimento das crianças? Como o planejamento pode ajudar?

Essas e outras questões se fizeram presentes em todos os encontros. Aos poucos, as educadoras foram se dando conta de que, de fato, esperavam um comportamento das crianças que talvez não estivesse de acordo com a faixa etária. Elas tinham medo das crianças se machucarem, e por essa razão ficavam nervosas quando os pequenos se agitavam. Perceberam que o espaço exíguo para o número de crianças favorecia algumas confusões, além de não permitir que as crianças exercitassem movimentos amplos. Esse olhar fez com que percebessem que o espaço e o planejamento interferiam de forma significativa no comportamento das crianças. As educadoras reconheceram que não conseguiam realizar atividades com maior movimentação por acharem que as crianças eram agitadas – porém, com pouca movimentação, as crianças iam ficando mais agitadas. Decidiram dar continuidade ao projeto Roda Pião pelo menos até o final do semestre. Um bom indicador de que transformações estão a caminho.



BAÚ DO TESOURO



Preciosidade 1 - Acervo de livros em apoio à Ação Cabe no carrinho

Além dos livros, as creches receberam um tapete de leitura, uma cesta de plástico organizadora e uma cortina porta livros

TÍTULO	AUTOR	ILUSTRADOR	EDITORIA
É um gato?	Guido Van Genechten	Guido Van Genechten	Gaudi Editorial
Mitos: o folclore do Mestre André	Marcelo Xavier	Marcelo Xavier	Formato
O jacaré que comeu a noite	Joel Rufino	Eduardo Albini	José Olympio
Como é que eu era quando era bebê?	Jeanne Willis	Tony Ross	Brinque-Book
Você troca?	Eva Furnari	Eva Furnari	Moderna
Travadinhas	Eva Furnari	Eva Furnari	Moderna
Adivinhe se puder	Eva Furnari	Eva Furnari	Moderna
O lenço	Patricia Auerbach	Patricia Auerbach	Brinque-Book
O grúfalo	Julia Donalson	Axel Scheffler	Brinque-Book
Dorminhoco	Michael Rosen	Jonathan Langley	Brinque- Book
A festa no céu	Ângela Lago	Ângela Lago	Melhoramentos
Banho	Mariana Massarani	Mariana Massarani	Global
Que bicho será que fez o buraco?	Ângelo Machado	Roger Mello	Nova Fronteira
Bom dia, Marcos	Marie-Louise Gay	Marie-Louise Gay	Brinque-Book
A galinha Ruiva	Recontado por Elza Fiúza	Leninha Lacerda	Moderna
Tico e os lobos maus	Valeri Gorbachev	Valeri Gorbachev	Brinque-Book
Krokô e Galinhola	Recontado por Maté	Maté	Brinque-Book
Gildo	Silvana Rando	Silvana Rando	Brinque-Book
Rápido como um gafanhoto	Audrey Wood	Don Wood	Brinque-Book
Divina Albertina	Christine Davenier	Christine Davenier	Brinque-Book
Eu tenho o direito de ser criança	Alain Serres	Aurélia Fronty	Pequena Zahar
Da pequena toupeira que queria saber quem tinha feito cocô na cabeça dela	Werner Holzwarth	Wolf Erlbruch	Companhia das Letrinhas
Brasil 100 palavras	Gilles Eduar	Gilles Eduar	Companhia das Letrinhas
Vai embora grande monstro verde	Ed Emberley	Gilda de Aquino	Brinque-Book
O que é que tem o meu cabelo?	Satoshi Kitamura	Satoshi Kitamura	Companhia das Letrinhas
Tanto Tanto	Trish Cooke	Helen Oxenbury	Ática

Preciosidade 2 - Acervo de livros em apoio à Ação Cabe no carrinho (crianças de 0 a 2 anos)

Acervo de livros para o Berçário, adequado às necessidades e interesse dos bebês.

TÍTULO	AUTOR	ILUSTRADOR	EDITORA
O que tem dentro da sua fralda?	Guido Van Genechten	Guido Van Genechten	Brinque-Book
O pintinho – livro sensorial			Salamandra
Vivi, a ovelha	Axel Scheffler	Axel Scheffler	Salamandra
Pronto para sair sr. Jaca?	Jo Lodge	Jo Lodge	BC Press
Gildo e os amigos na praia - livro de banho	Silvana Rando	Silvana Rando	Brinque-Book
Quic, quic	Beth Harwood	Emma Dodd e Mike Jolley	Zastras
Cadê o Pintinho?	Márcia Leite	Anita Prades	Pulo do Gato
É um caracol?	Guido Van Genechten	Eliardo França	Gaudi Editorial

Preciosidade 3 – Kit da Ação Fala, criança

- Um tecido para ser usado “como centro nas atividades”.
- Livro com CD *De Roda em Roda: brincando e cantando o Brasil* (Teca Alencar Brito – ed. Peirópolis).
- Microfone.
- Jogo *A fantástica fábrica de histórias para crianças* (Tadeu, Paulo – ed. Matrix).
- Sacola em tecido sem estampa.
- Livro de literatura infantil e um brinquedo/bicho alusivo ao personagem do livro (as histórias e os personagens foram diversificados).

Preciosidade 4 – Acervo de materiais de apoio à Ação Pula, dança e rebola

- Rolos de elástico de 10 m com diferentes larguras.
- Rolo de 10 m de fitas de cetim nas cores azul, amarelo, vermelho, laranja e roxo.
- Rolos de fita crepe.
- Pacote de palitos de sorvete.
- 10 bambolês coloridos.
- Caixa organizadora.
- Livro *As artes no Universo Infantil*, Editora Mediação.

Outros materiais que contam a experiência educativa do CECIP nas creches da Rocinha

Disponíveis em www.cecip.org.br



- *De mãos dadas por uma creche de qualidade: sistematização das experiências da Rocinha* (CECIP, 2014)
- Série Compartilhando experiências:
 - *Atividades de artes plásticas com crianças de até quatro anos* (CECIP, 2015)
 - *Atividades musicais com crianças de até quatro anos* (CECIP, 2015)
 - *Atividades e propostas criativas com crianças de até quatro anos* (CECIP, 2015)
- *CCCria Centro Cultural da Criança - O castelo das crianças cidadãs* (CECIP, 2009)
- *Histórias do CCCria Centro Cultural da Criança - Autonomia, alegria e participação infantil* (CECIP, 2011)

CECIP - Centro de Criação de Imagem Popular

Diretor executivo: Claudius Ceccon

Diretora administrativa financeira: Dinah Frotté

Coordenadora de projetos: Claudia Ceccon

Coordenador financeiro: Elcimar Oliveira

Agradecemos

A todas as gestoras e educadoras que possibilitaram esse trabalho e, especialmente, às crianças por sua participação interessada, criativa e que sempre nos instigou a olhar com novos olhos.

A Paula Rocha e Sheila Najberg, do Instituto Dynamo, pela parceria.

À equipe do CECIP, que deu o apoio fundamental para que o projeto acontecesse: Laura Rodrigues, Marcelo Avance, Néia Oliveira, Olivia Lopes e Sirlene da Silva Alves

PROJETO DE MÃOS DADAS

POR UMA CRECHE DE QUALIDADE

Coordenação pedagógica: Jo Ceccon e Maria Lúcia Pinto Lara

Coordenação administrativa: Rafaela Lopes Pacola

Equipe de facilitadoras: Anna Rosa Amâncio, Elisa Brazil, Rosane Monteiro Gomes

Apoio: Thainá Montes

Coordenação das ações Cabe no carrinho e Projeto de sala:

Anna Rosa Amâncio

Coordenação da ação Pula, dança e rebola: Gabriela Macena

Coordenação da ação Fala, criança: Elisa Brazil

ATIVIDADES ESSENCIAIS

COM CRIANÇAS DE ATÉ QUATRO ANOS

Organização: CECIP

Coordenação pedagógica: Maria Lúcia Pinto Lara

Produção editorial: Rafaela Lopes Pacola

Texto e fotografias: Anna Rosa Amâncio, Elisa Brazil e Gabriela Macena

Edição final de textos: Madza Ednir

Revisão: Sonia Cardoso

Diagramação: Shirley Martins

DADOS INTERNACIONAIS PARA CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

A872 Atividades essenciais com crianças de até quatro anos [recurso eletrônico] : projeto de mãos dadas por uma creche de qualidade / organização: CECIP, Centro de Criação de Imagem Popular ; coordenação pedagógica: Maria Lúcia Pinto Lara ; produção editorial: Rafaela Lopes Pacola ; texto original: Anna Rosa Amâncio, Elisa Brazil, Gabriela Macena ; edição final de texto: Madza Ednir. – Rio de Janeiro : CECIP, 2018.
96 p. : il. color.

"Compartilhando experiências".

Sistema requerido: Adobe Acrobat Reader.

ISBN 978-85-99946-34-3

1. Educação pré-escolar – Programas de atividades - Brasil. 2. Educação infantil – Brasil. 3. Creches – Brasil. 4. Crianças – Desenvolvimento. I. Centro de Criação de Imagem Popular. II. Lara, Maria Lúcia Pinto. III. Pacola, Rafaela Lopes. IV. Amâncio, Anna Rosa. V. Brazil, Elisa. VI. Macena, Gabriela. VII. Ednir, Madza.

CDD – 372.210981

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Lioara Mandoju CRB-7 5331

Esta publicação apresenta atividades realizadas com educadoras e crianças em creches da Rocinha e Cantagalo, bairros localizados na Zona Sul do Rio de Janeiro, participantes do projeto DE MÃOS DADAS POR UMA CRECHE DE QUALIDADE. Nas propostas apresentadas você irá encontrar atividades que envolveram diferentes linguagens: literatura, corpo em movimento, exercício da escuta e elaboração de projetos pedagógicos. Entendemos que as atividades nomeadas como complementares são essenciais para facilitar a livre expressão e contribuir para o desenvolvimento integral da criança.



CECIP

Instituto **D**ynamo

Centro de Criação de Imagem Popular

Rua da Glória, 190 sala 202

20241-180 Glória

Rio de Janeiro - RJ

Tel.: 21 2509 3812

E-mail: cecip@cecip.org.br

www.cecip.org.br